

**EX-PÔR-SE À EXPERIÊNCIA:**

**COLECIONAR E NARRAR EM  
MEIO À FORMAÇÃO DOCENTE**



**Alissara Zanotelli**

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO

**EX-PÔR-SE À EXPERIÊNCIA: COLECIONAR E NARRAR EM MEIO  
À FORMAÇÃO DOCENTE**

Alissara Zanotelli

Lajeado, janeiro de 2018

Alissara Zanotelli

**EX-PÔR-SE À EXPERIÊNCIA: COLECIONAR E NARRAR EM MEIO  
À FORMAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Mestrado Acadêmico, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação.

Orientadora: Dra. Angélica Vier Munhoz

Lajeado, janeiro de 2018

Alissara Zanotelli

## **EX-PÔR-SE À EXPERIÊNCIA: COLECIONAR E NARRAR EM MEIO À FORMAÇÃO DOCENTE**

A Banca Examinadora aprova a Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ensino, Mestrado Acadêmico, da Universidade do Vale do Taquari, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação.

---

Profa. Dra. Angélica Vier Munhoz – Orientadora  
Universidade do Vale do Taquari - Univates

---

Profa. Dra. Suzana Feldens Schwertner  
Examinadora – Universidade do Vale do Taquari  
Univates

---

Profa. Dra. Mariane Inês Ohlweiler  
Examinadora – Universidade Federal da Fronteira Sul  
- UFFS

---

Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó  
Examinador – Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul - UFRGS

Lajeado, janeiro de 2018

## **AGRADECIMENTOS**

À minha querida orientadora, Angélica, que é palavra, escrita potente, incentivadora sincera, professora que muito me ensinou, não por dizer como devo, mas por mostrar como podemos. Ao Jonas, meu amado companheiro, ouvido atento aos lamentos, angústias, nos dias mais que horríveis de ansiedade deste eu incontrolável. Aos meus pais e irmão, lembretes de que é preciso ser bom, não o melhor entre todos. Aos amigos queridos, fiéis, pedintes de mais encontros alegres. Aos companheiros do Grupo CEM e colegas de mestrado, pelas escritas, conversas, dúvidas que sempre levaram, levam e levarão a pensar. Ao PPGEnsino, especialmente à secretária Fernanda, que não mede esforços para sanar nossas dúvidas e angústias. Ao tempo de estudo que a Capes me possibilitou por meio da bolsa de mestrado. Ao curso de Pedagogia da Univates, em especial, às alunas da disciplina de Estudos do Currículo de 2017/A, por serem tão disponíveis a inventar comigo. Ao espaço da Univates, principalmente aos pingos de chuva visíveis no vitral da Biblioteca. A estes e a tantas coisas que escaparam de serem ditas, obrigada!

## RESUMO

Trata-se de pensar a experiência, na experiência, com experiência, da experiência. Esta é, portanto, uma dissertação acerca da experiência, que, por não ser uma matéria individual, mas permeada por outros territórios, foi pensada juntamente com o ato de colecionar e com a narrativa de Walter Benjamin. O colecionador é aquele que pesquisa, ordenando sua coleção, mantendo-a como rastros do que pode ser inventado a partir da experiência. Colecionar torna-se, assim, o procedimento metodológico que impulsiona tal investigação; narrativa é a matéria por meio da qual se provoca a experimentação. Tomando como campo de investigação a formação docente, esta pesquisa procura narrar, inventar narrativas que emergem em meio a experimentações realizadas com uma turma de alunas da disciplina Estudos do Currículo, do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Permeadas pelos escritos de Walter Benjamin, bem como outros tantos autores como Giorgio Agamben (2013; 2005; 2010), Jorge Larrosa (2016), Charles Baudelaire (2009a, 2010), Honoré de Balzac (2009), Barbey D'Aurevilly (2009) e seus comentadores, as escritas narrativas materializam-se. A experiência torna-se o próprio processo de experimentar, inventar, narrar, colecionar. O que se compreende é que a experiência não pode ser adquirida, ela é o que nos perpassa e nos produz. Nesse sentido, ex-pô-er-se, colecionando na formação docente, pode ser um ato necessário à existência da experiência.

**Palavras-chave:** experiência; formação docente; colecionar; narrativas; Walter Benjamin.

## RESUMEN

Se trata de pensar la, en la, con y de la experiencia. Éste trabajo final de maestría ocupase de la experiencia, que no es una materia individual, a pesar de ser permeada por otros territorios. La misma, fue pensada a la par con los actos de coleccionar y narrar desde la perspectiva de Walter Benjamin. El coleccionista, entendido como aquel que: investiga, ordenando su colección, conservandola como huellas de lo que puede ser inventado a partir de la experiencia. Coleccionar se convierte así, en el procedimiento metodológico que impulsa ésta investigación. En este sentido la narrativa es la materia por medio de la cual se provoca la experimentación. Tomando como campo de investigación la formación de profesores, se busca narrar, inventar narrativas que son expuestas a partir de las experimentaciones realizadas con un grupo de estudiantes de la clase Estudios del currículo, del programa de Pedagogía, de la Universidad del Valle de Taquari-Univates, Lajeado/Rio Grande do Sul/Brasil. Tales escritos narrativos, toman cuerpo, al ser permeados por los textos de Walter Benjamín, así como los escritos de Giorgio Agamben (2013; 2005; 2010), Jorge Larrosa (2016), Charles Baudelaire (2009a, 2010), Honoré de Balzac (2009), Barbey D'Aurevilly (2009) y sus comentadores. La experiencia misma; se torna proceso de experimentar, inventar, narrar, coleccionar. Lo que se puede decir es que la experiencia no puede ser adquirida, si no perpassada, una vez que nos compone y nos hace gente. De está forma, ex-poner-se, coleccionando en la formación de docentes, puede ser un acto necesario para la existencia de la experiencia.

**Palabras clave:** experiencia; formación de profesores; coleccionar; narrativas; Walter Benjamin.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: clipe.....	56
Figura 2: margens .....	56
Figura 3: classes .....	60
Figura 4: linha.....	60
Figura 5: nós .....	66
Figura 6: caminhos .....	66
Figura 7: gotas .....	67
Figura 8: composição .....	68
Figura 9: caos .....	70

\***Capa da dissertação** – capa (escritos e imagem) produzida pela autora,

## SUMÁRIO

<b>1. UMA FLOR NASCEU .....</b>	<b>8</b>
1.1 Diário despido de realidade .....	10
<b>2. EXPERIÊNCIA &amp; ATRAVESSAMENTOS .....</b>	<b>16</b>
<b>3. SOBRE A EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>18</b>
3.1 Modernidade e experiência.....	18
3.2 Experiência – a vida narrada .....	21
3.3 Experiência – a infância do homem .....	27
3.4 Ex-pôr-se ao que vem.....	30
<b>4. IMAGENS DA EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>32</b>
<b>5. COLECIONAR .....</b>	<b>37</b>
5.1 Colecionador, Colecionar, Coleção .....	37
5.2 Sobre o colecionar da experiência.....	40
5.3 O território dos encontros.....	42
5.4 Da inutilidade do colecionado .....	45
<b>6. ENCONTROS.....</b>	<b>47</b>
ENCONTRO 1 .....	48
ENCONTRO 2 .....	53
ENCONTRO 3 .....	59
ENCONTRO 4 .....	65
ENCONTRO 5 .....	71
ENCONTRO 6 .....	74
<b>7. EX-POSIÇÕES FINAIS .....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>87</b>

## A Flor e a Náusea

*Carlos Drummond de Andrade*<sup>1</sup>

[...] Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.  
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

---

<sup>1</sup> 2000, p. 15.

## 1. UMA FLOR NASCEU

*Uma flor nasceu...  
Contra o que quer reinar absoluto, contra o que mata sem morrer.  
Para afirmar a vida, a criação, a paixão, o poema e os encontros... pela  
vontade de sorrir e de persistir, uma flor nasceu.  
Deixem que ela viva! Deixem que ela siga, deixem,  
simplesmente deixem...  
Sempre viveremos tempos difíceis,  
mas esses são os tempos do meu tempo, e nele uma flor nasceu! Nasceu porque  
junto dela outras estão nascendo e nasceram, e junto delas sinais de que  
sobrevivem, com afeto umas às outras.  
(Da autora)*

Aqui, e antes daqui, começa a apresentação de uma dissertação, e é preciso dizer que uma flor nasceu. Poderia começar com pomposas frases, com o que me inspira como professora, como ser e humana, como amante, como amiga e filha, como ser diabólico que por vezes sou, mas começo comigo mesma ou com o que acredito que sou neste instante. As invenções de nossa mente falham, então, preciso também eu desconfiar de mim. Mas a flor que nasce com esta pesquisa quer viver, pois pesquisar é, antes de tudo, olhar para si e para o mundo, tentar apropriar-se e, com esforço e persistência, deixar-se guiar pelos encontros literários de alguém que escreveu antes de nós e tem muito a nos dizer, não com promessas, mas potentes disparadores de vida. Estou instalada neste presente que me agarra e permite que me perpetue mediante da escrita destes registros que fazemos. Registros de coisas que pensamos, pesquisamos, acreditamos e desconfiamos, de coisas que questionamos e novamente duvidamos.

Falar do que me trouxe até este curso de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates é fundamental para o início da conversa, pois pensar em educação

e, mais especificamente, em ensino é correlacionar o presente com uma história, ou diversas histórias que nos trazem ao hoje, não como matérias únicas de nosso presente guiando nosso futuro, mas como problematizadoras da existência. Antes da graduação em Pedagogia, percorri as etapas da Educação Básica, fui amante do teatro, das apresentações em festas de escola, da declamação de poesia e da criação de situações divertidas com meus alunos de estágio do Curso Normal. As situações, hoje compreendo, eram de ensino, um modo de poder ensinar algo àquela turma que me era destinada, àqueles colegas com quem eu compartilhava minha amizade. Das alegrias e tragédias dos estágios, pude colher muitas flores e recadinhos carinhosos das crianças, até mesmo saudade, pois, apesar de a barriga ficar com borboletas a cada manhã que levantava para ir ao estágio, meu coração se engrandecia a cada palavra aprendida por uma criança. Dessas coisas, de algumas, ainda sou amante.

No entanto, a juventude chegou e agarrou-me de vez; não tive tempo de guardar o frescor daquelas manhãs de estágio. E eu pensava que dessa juventude eu seria dona. Da carreira do magistério, queria sair correndo. A folha de papel disse que eu poderia ser professora. Mergulhei nesse mar da docência com a possibilidade de sair dele se as ocasiões me viessem incomodar por uma vida de docência sem alegria. Ancorei-me no curso de Pedagogia e percebi que a educação não precisava ser rígida nem de uma única cor e que com ela poderíamos traçar muitas linhas tortas, como bem sabe Manoel de Barros. Desafiei-me em territórios que não somente o da escola.

No entanto, a escola me pertence ou eu lhe pertencço, pois é nela que passo a maior parte dos minutos de minha existência; é nela que noto como sou carregada pelos discursos maldosos e sem alegria, pelas práticas que não fazem pensar. Contudo, também é nela que vejo como o tempo é cheio de possibilidades para ser feliz e inventar. Quando percebo que estou andando com a correnteza da desilusão escolar, é hora de parar, afastar-se, retraindo o olhar do barco e analisar o que não vai bem e o que pode continuar.

Com esses desejos e anseios, percebo que na escola se fala do quanto você já trabalhou, do quanto você já vivenciou, ou seja, de quanta experiência você tem, como se esta estivesse em prateleiras de supermercado, podendo apenas colocá-la no carrinho da existência e pronto, experientes seríamos. Essas vivências pelos andares de um coletivo de professores fazem-me cócegas atrás da orelha, em especial quando passo por alguém que me relata tristeza por iniciar sua carreira na docência e sentir-se inexperiente, ainda mais quando outra colega lhe diz: “ah! Tu és novinha ainda, não tens experiência! Calma, tu vais ver daqui uns anos como é a escola,

isso não vale a pena!"; ou então: "ela não tem experiência para fazer isso, acabou de sair da faculdade!"; mais ainda: "ela já está velha, agora precisamos de algo novo".

E é nessa lógica da experiência que realizamos cursos e cursos, seminários e seminários, mais e mais formação. Qual a medida da experiência? O que é experiência e com o que ela se relaciona? Que efeito tem a experiência diante da formação destes profissionais chamados docentes? Em que território habita a experiência? Como fazer formação em docência a partir da experiência?

### 1.1 Diário despido de realidade

**3 de fevereiro, 2015**

Reunião de professores. Inicia o ano letivo. Férias, viagens, faxina, a sala cheia de mulheres, os assuntos não acabam. Entra a diretora, o silêncio reina. Pauta, letrinhas miúdas, assuntos diversos. Entre comunicados e ordens, algo merece discussão. No fim dos itens importantes para se começar bem o ano (que já havia começado), a decisão de quem seria responsável pelo turno na ausência da chefia. Grande decisão, carregada de palavra forte: *responsável*. Logo, sem ninguém querer esta incumbência, a decisão: fica responsável Joana; afinal, é a mais experiente da escola.

**5 de fevereiro, 2015**

Joana, alguém que não me sai da cabeça. Como queria eu, Joana, esquecer-te. Joana, tua experiência me comove, ao passo que jamais a quero para mim.

Inexperiente seria por toda a vida se alguma vez tivesse  
que me consolar com a experiência de Joana.

**13 de outubro, 2015**

Disse-nos a chefia no corredor, antes que partíssemos para as salas: “Atenção, meninas! Amanhã, não estarei, mas, qualquer coisa, conversem com Joana. Ela conhece tudo, tem bastante experiência e pode ajudar vocês”.

**16 de outubro, 2015**

Outra reunião calorosa. Chimarrão, café, risadas e piadas. Não falta serotonina. Eis que o silêncio reina; novamente, pauta em letrinhas miúdas, escolhidas por alguém que tem experiência. Orientações, supostas combinações, sugestões. No calor dos rumores, surge a ideia de mudar a sala da turma de Joana.

Alerta, Joana reage: “Nada de mudança, nada de mexer no que já está bom”.

**20 de março, 2016**

Afinal, do que falamos quando falamos *experiência*?

**Um dia desses, 2016**

Perdida em uma viela da Universidade, passos calmos, sem compromisso na agenda, nem pressa de chegar a lugar algum. Paro em um deque – folhas, vento, sujeiras microscópicas nos raios de sol que insistem em fixar-se por ali. Ruído dos passos. O que pensam? Aguço meu ouvido e escuto: “Acabei com meu namorado, eu sabia que ia dar nisso, já podia prever”. Outra voz diz: “Calma, tu vais ver que, com o próximo, tu já vais estar mais experiente!”.

**1 de abril, 2016**

Quando alguém fala a palavra *experiência*, o que pensa esse alguém?

**Em meio às páginas de um livro, 2016**

O instante é o que nos prende à experiência, o que a confirma. Jogamos nele a promessa de existência da experiência, calculada e vista nos milésimos de segundos que ele carrega?

**Agosto, 2016**

As Olimpíadas iniciam no Brasil. A palavra *experiência* salta na mídia com uma rapidez enorme. Perguntam ao atleta: “Como foi essa experiência de chegar às olimpíadas deste ano?”. O atleta diz: “Graças à minha experiência em outras competições, eu pude chegar aqui. Vamos tentar medalha”.

**Terça, 20 de setembro, 2016**

– Não subas nessa árvore, vais te machucar – disse a mãe. Será que discurso de mãe foi feito para que não se precise viver a experiência?

**Julho, três anos atrás**

Disse a mãe: “Tens que pensar no teu futuro, é melhor ficar e estudar aqui. Podes fazer outra coisa e trabalhar num escritório”. O irmão estava mais para passarinho – como dizia Manoel de Barros –, queria ele a coisa, que não outra. Foi-se musicar, dedilhar, experimentar.

**Devaneios, 2016**

Impossível querer outras experiências quando tuas raízes já cavaram aquela terra prometida?

**28 de setembro, 2016**

Desejo de sair correndo. Vontade impulsionada pelo desejo de não estar ali. Poderia voar o pensamento, mas a vontade era de que nem fisicamente estivesse ali. Corpo segue no corredor. Ao telefone, diz: *experiência*. Do outro lado da linha: hã? Logo sussurra: saber como fazer, *know-how*, saber como faltar à aula!

**2 de outubro, 2016**

Não podes me entender, nunca usaste drogas. Pupilas dilatadas, atenção, desatenção. Tique-taque. Pensamento diz: como ser experiente na vida alheia? Eram 19 horas, céu alaranjado, chaves girando na porta. Mais um dia de trabalho.

**Durante um relato, 2016**

Viagens, encontros, lugares deslumbrantes. Querer estar lá é para todos que assistiam à sua fala. Ele contava, uma escuta atenta. Mas o que teria levado este garoto a desbravar o mundo? Sem titubear, responde: experiência é se encontrar com as pessoas, poder dar alguma coisa e receber também.

**3 de outubro, 2016**

Por experiência própria!

Experiência (im)própria?

**4 de outubro, 2016**

Roda rodando, vento ventando. Conversa tricotando. Vocês viram? A pesquisa foi com professores que tinham menos de um ano de experiência.

**Devaneios II, 2016**

Experiência virou tempo?

**28 de outubro, 2016**

Algum desejo e nada

Fome. Sono. Nada

Escada ou elevador?

Elevador que desce, parou.

Guarda que chega, porta não abre.

Vontade de saber o que é

Estar no elevador sem fazer nada!

Mastiga. Pensa. Observa pelo vidro. Pensa. Engole. Respira. Pensa nada.

Nada e muito. Nada que ficou cheio de tudo. Tempo que não foi nada, que não deixou nada, ou tudo. Experiência chegou, passou, ficou!

**29 de outubro, 2016**

A atendente disse que o básico ela não sabia. A que não era atendente sabia o que queria.

(In)experiente?

A atendente exigiu experiência, ela disse que experiência tinha, pois o mais difícil ela sabia fazer. Do princípio, ela teve que partir, aprender o que dizia já saber.

**Devaneios III, outubro, 2016**

Experiência que te faz saltar, como o coração em uma caixa. Louco por poeira.

**1 de novembro, 2016**

Experimentamos a vida ou a vida nos experimenta? Talvez falte tempo, talvez o tempo seja demais para não experimentar a experiência.

## 2. EXPERIÊNCIA & ATRAVESSAMENTOS

Esperava aventurar-me em territórios protegidos, em que o verbo *ser* me fosse companhia. Logo compreendi que não conseguiria buscar sua definição, pois a experiência escapa da identidade, não quer fazer-se gente nem tomar corpo, muito menos materializar-se em um objeto. No entanto, ela pode permear devaneios, encontros; ela está próxima, dentro e fora, ao lado e junto. Multiplica-se e faz multiplicar.

Propus-me a pensar experiência, ler sobre ela, escrever, contar. A partir dessa proposição é que estas seções tomam forma deformada, pois não são dogmáticas, mas feitas de laços e nós, amarras sobre o que pode, permeia, se aproxima da noção de experiência, sobre o que bifurca antes e a partir dela.

Tento avizinhar-me de alguns autores e de suas propostas teóricas, poéticas, filosóficas, a fim de pensar o que se aproxima da noção de experiência. Considerar as experiências e o que as permeia, como se constituem e de que modo fazem sentido a nós, no contemporâneo mundo em que vivemos. Ademais, problematizar uma noção é encontrar aproximações que, de algum modo, em primeiro lugar, fazem sentido a mim. Fundamentalmente, essas vizinhanças com a experiência partem de minhas leituras e percepções acerca do assunto e da tentativa de uma escrita inventiva. Esta é uma dissertação com Walter Benjamin (2012a; 2012b; 2002), em meio a Benjamin, bem como outros tantos autores, como Giorgio Agamben (2013; 2005; 2010), Jorge Larrosa (2016), Charles Baudelaire (2009a, 2010), Honoré de Balzac (2009), Barbey D'Aurevilly (2009) e seus comentadores.

A partir dessas aproximações que me fazem saltitar de ansiedade, venho, neste breve estudo, que é a dissertação, questionar-me, procurar pistas, encontrar caminhos possíveis para

minhas perguntas a partir do tema da Experiência. Tal estudo permite-me questionar, pois a partir dele mais interrogações foram surgindo. Embora delimitados os objetivos, ao invés de serem alcançados, permitiram mais questionamentos; assim, a lógica não se fecha em um, mas em múltiplos questionamentos e possibilidades. Esses questionamentos levaram-me a perguntar: de que modo nos ex-pomos à experiência em meio à formação docente? Como produzir/potencializar experiências nesse território da formação docente por intermédio de narrativas e coleções? Nesse sentido, tomou-se como objetivo: propor um espaço de experimentações curriculares a fim de potencializar a experiência na formação docente.

Para adentrar nesta investigação, busquei inicialmente percorrer a noção de experiência para, em um segundo momento, pensá-la em meio a um território de formação docente. A investigação foi realizada no primeiro semestre letivo de 2017 com uma turma do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Foram propostas experimentações a partir de narrativas benjaminianas, a fim de compor uma coleção de escritas desses encontros. Tomando a noção de colecionador em Walter Benjamin, o procedimento metodológico de tal pesquisa torna-se o ato de colecionar em meio às experimentações na docência. O registro dessas experimentações foi realizado por meio de escritos, imagens fotográficas e gravações audiovisuais e serviu como matéria de criação.

Tal proposta de investigação está vinculada à linha de pesquisa Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação, do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Mestrado Acadêmico, da Univates. Também esta dissertação imerge na potência do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/ Univates/ CNPq), que, mediante estudos, diálogos, escritas, afetos, permitiu uma existência outra no caminho de pesquisa.

### 3. SOBRE A EXPERIÊNCIA

#### 3.1 Modernidade e experiência

Não me cabe aqui buscar compreender a origem do que se pensa por sujeito moderno, mas dizer que a razão é sua aliada e que com ela seguiu abrindo trincheiras. Teria tal sujeito a vontade de ser imortal? Pensar a modernidade e, mais especificamente, o sujeito moderno torna-se imprescindível quando o tema é a experiência, no qual pretendo adentrar nesta dissertação. Por sua vez, os autores – Walter Benjamin e Giorgio Agamben – que me ajudam a pensar a experiência também fazem deste tempo chamado modernidade<sup>2</sup> um pressuposto para problematizar tal noção.

Assim, tomo como ponto de partida o sujeito moderno, para o qual a experiência tem a forma do conhecimento. Como diz Agamben (2005, p. 31), o conhecimento “torna-se não algo de indizível, mas aquilo que é já sempre dito em cada pensamento e em cada frase”. Uma vez que a busca do conhecimento se tornou adquirível e infinita, também a experiência tem relação com a busca de algo que possa ser dito, visto, medido, já que seus pressupostos estão associados ao projeto da ciência moderna. Nessa perspectiva, a experiência confunde-se com o experimento, que tem seus fundamentos na comprovação científica. Essa relação com a experiência constitui modos de vida, modos de relacionar-se com o mundo, ao mesmo tempo em que os produz, na forma de experimentos, objetos e tecnologias úteis à sobrevivência. A

---

<sup>2</sup> Latour, em *Jamais fomos modernos* (2005), afirma que “a modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas. Ainda assim, todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras ‘moderno’, ‘modernização’ e ‘modernidade’ aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável” (p. 15).

experiência passa a ser considerada como algo a se fazer, sendo entendida como um fazer fora de nós. Meinerz (2008) comenta:

O aspecto tecnicista que se instaura na (e por meio da) ciência moderna, exige comprovação, exatidão e rigor quantitativos transferindo completamente, como assinala Agamben, a experiência para fora do homem e confiando-a aos instrumentos e aos números. [...] experiência passa a ser sinônimo de experimento porque este sim é compatível com a certeza do cálculo e das leis científicas tão fundamentais ao método científico moderno (MEINERZ, 2008, p. 23).

Técnica, instrumento, cálculo, comprovação, exatidão. Problematizo essa noção de experiência produzida pelo sujeito moderno, uma vez que com ela se instaura a ideia de algo que precisa ser feito, algo que pode ser quantificado, mesmo que seja na vivência do próprio sujeito. Viver e viver como se deve viver, a partir da modernidade, torna-se viver com mais, pois, no momento em que se quantificam as experiências, experiente só se tornará aquele que mais experiências realizar.

Em meio a essa noção de experiência, também é possível observar que “entre os grandes criadores sempre existiram aqueles que operaram a partir de uma tábula rasa. Pois queriam uma prancheta: foram construtores; [...] uma desilusão radical a época e ao mesmo tempo uma fidelidade sem reservas” (BENJAMIN, 2012a, p. 125). Trata-se do desejo de desbravar o que ainda não tinha sido visto, considerando-se sua invenção a partir do novo, do branco, do não-feito. Fazer para ter, fazer para ter experiência – e não bastaria uma, já que, na lógica do experimento, confiado aos instrumentos e às técnicas, era necessária uma busca constante da novidade, pois um instrumento usado e descoberto se tornaria logo obsoleto, sua função perderia valor. Contudo, as invenções do homem, por mais autênticas que fossem, teriam resquícios de algo de antes, podendo assim ser reinventadas. E isso ocorria frequentemente, pois o sujeito moderno se encontrava em uma desmedida necessidade de transformar a realidade, e não apenas de descrevê-la, o que o levava a uma busca incessante de desbravá-la (BENJAMIN, 2012a).

É preciso considerar que muito do nosso pensamento ainda se coloca nessa necessidade de transformação e que nossas ações procuram pensar a realidade com o intuito de modificá-la. Assim, não estamos fora desse modo de subjetivação, pois a modernidade pode ser demarcada por acontecimentos, vivenciados como um efeito atemporal na vida humana. Molano (2014) descreve-a como

[...] todo un conjunto complejo de transformaciones en las formas de comprensión y experiencia de mundo que surgieron en el tránsito del siglo XVIII al XIX y que

redefinieron la concepción misma de los seres humanos, sus formas de integración en la sociedad y sus horizontes de expectativa respecto al futuro deseable y realizable de la humanidad (MOLANO, 2014, p. 167).

Se há um tempo demarcado para situar a modernidade, conforme define Molano (2014), há também uma impressão de jeitos de viver que a modernidade produziu e que continuam reduzindo-se nos diversos segmentos da vida – sociais, políticos, econômicos –, mas, sobretudo, nas marcas que foram produzindo os nossos modos de subjetividades, as nossas formas de habitar o mundo.

Assim, passar por uma rua, andar de carro pela rodovia, participar de reuniões, ministrar palestras, dar aula, poderiam levar-nos a perguntar: nesse cotidiano, há experiência? “O homem moderno volta para casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz – entretanto nenhum deles se tornou experiência” (AGAMBEN, 2005, p. 22). Os sujeitos pensados pela e na modernidade andam em busca de algo, de desbravar novos territórios, de encontrar a fórmula ainda não patenteada. Para Molano (2014), “[...] en la modernidad, la percepción sensorial ha sido fuertemente restringida por –y subordinada a– las funciones de una consciencia individualista, racionalizada y pragmática” (p. 175). O sujeito está repetidamente programando algo, o que fará depois de sair do metrô, como organizará a reunião, como proferirá a palestra; anda de um lado a outro, toma decisões, repete atividades cotidianas, age e coloca-se nessas ações. Todavia, deixa passar muitas coisas que já não percebe e torna-se insensível às coisas que, por vezes, lhe passam; deixa de colher algumas vivências que, não fosse esse fluxo pragmático de vida, seriam valoradas. Para Schlesener (2011, p.130), “a sociedade moderna, com seu modo de produção e de vida social, enfraqueceu a experiência coletiva e reforçou o individual e anônimo, fundado na objetividade do conhecimento e na eficiência do trabalho”.

Tem-se, portanto, a experiência em um ponto e o sujeito no outro. E o sujeito utiliza-se da experiência para atingir os seus fins, que em última análise são sempre a busca do conhecimento. “[...] Algo que se pode somente *fazer* e jamais *ter*: nada mais, precisamente, do que o processo infinito do conhecimento” (AGAMBEN, 2005, p. 32, grifos do autor). No entanto, esse sujeito moderno da experiência está em uma busca inútil, em que ele já não é mais um sujeito, se não dois, à procura de uma sabedoria infinita (AGAMBEN, 2005). Desse modo, tal experiência

É uma experiência vazia, que se constitui de uma porção de dogmas em nome dos quais o adulto impõe sua vontade e sua autoridade, que condizem com o tempo repetitivo e sempre igual que caracteriza a história moderna: o adulto fala em nome

de um conhecimento acumulado, fruto da aplicação de um método claro e distinto de dedução ou de indução que o fez acreditar que a verdade é unívoca e passível de ser apropriada (SCHLESENER, 2011, p. 130).

A ciência avançou – muitos produtos foram inventados, máquinas foram produzidas, experimentos foram criados, a tecnologia tomou espaço na vida das pessoas. Na busca pela certeza, a ciência faz da experiência o lugar e o caminho do conhecimento (AGAMBEN, 2005). Mas o que pode o sujeito moderno diante de seus produtos? O que produz uma ciência separada da experiência? Produzimos uma experiência a serviço da ciência?

O sujeito da modernidade acumula conhecimento e com ele experimenta. Passível de repetição, o experimento pode ser refeito até que o sujeito produza o desejado, e ele o projeta minuciosamente. Feita a experiência, pronta a experiência, o sujeito sai e mantém-se o mesmo porque ela se deu fora de implicações subjetivas. A experiência acontece sem ter passado pela própria vida do sujeito, sem transfigurá-la de algum modo, mesmo que em uma situação não-material. Assim, a experiência na modernidade pode ser pensada como busca de um fazer, algo que ocorre fora de nós, resultado de um produto inventado pelo sujeito.

Como lembra Agamben (2005), o sujeito passa por diversas e diferentes situações em seu dia e, mesmo assim, chega a casa com o vazio de que nada fez a si mesmo. Também seus experimentos, algumas vezes, tomam proporções que vão além de suprir a necessidade do sujeito que os cria, abrindo espaço para um descontrole, no qual a criação já não tem mais autoria e se perde na medida da afirmação da vida.

### **3.2 Experiência - a vida narrada**

Nas palavras de Benjamin (2012a, p. 123): “que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?”. Quer dizer que antes do advento moderno os sujeitos escutavam uns aos outros? Quer dizer que devemos aprender com os mais velhos? Quer dizer que hoje ninguém sabe nada das coisas? Que conhecimento seguimos aprendendo de quem nasceu antes de nós? Como ele nos é ensinado?

A experiência, na compreensão de que pode ser sabedoria (BENJAMIN, 2012a; 2002), se produz no seio das gerações, e a frase comum “sempre aprendemos alguma coisa” não deixa de ter sua importância. Essa sabedoria, quando tomada pela mente do adulto, pode tornar-se absoluta, sem espaço para ser transfigurada em outro sujeito, que talvez possa utilizar-se dela

de outra forma, uma vez que é outra vida e outro contexto. Percebe-se que “[...] em nome desse conhecimento o adulto descaracteriza a experiência juvenil, entendida como quimérica e inútil, já que parece não haver mais nada a conhecer, sendo a verdade o que está aí, na ordem instituída” (SCHLESENER, 2011, p. 130). O adulto compreende-se como quem obtém o saber e dele faz uso como sendo a única maneira de conduzir as situações e vivências. Espera-se para ser adulto, aprende-se para ser adulto, vive-se e sonha-se para ser adulto, porque muitas vezes, para algumas pessoas, ser adulto é o ápice da vida humana. Quando se é jovem, criança ou velho, a vida não encontra sua existência plena? A experiência só pode servir e existir quando adultos? O que fazem os adultos com a experiência? Como falam de experiência?

De acordo com Pinto (2016), a experiência, tornando-se passado logo à frente, não deve ser desmerecida, pois “[...] o passado deve ser revivido, nos aspectos que possam atualizar e impulsionar uma nova experiência no presente” (p. 8). A experiência que se viveu deve impulsionar o presente, ser potência para o agora. Desse modo, o auge da vida adulta é uma ilusão, porque a vida é entendida como contínua, sendo ilusório apenas um tempo, demarcado cronologicamente, como importante e necessário para a existência. Benjamin (2012a) escreve, em “Experiência e pobreza” (1933), que a experiência era transmitida aos mais jovens pelos mais velhos. Nesse ensaio, comunica que a experiência narrada não faz relação com conselhos representacionais, mas é pensada como uma herança, sem definir que a experiência seja mais ou menos importante em determinada fase da vida.

Em seu texto “O Narrador”, de 1936, Benjamin (2012a) apresenta a experiência como presente na narração. Para o autor, a narrativa é uma possibilidade de experiência em que os saberes são transmitidos não como uma moral, mas como faíscas de vida. O que se conta na narração são experiências vividas e, com elas, a possibilidade de criar mais vida, aprender a inventar a partir do que se ensinou, porque, “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (BENJAMIN, 2012a, p. 221). É nas “renúncias às sutilezas psicológicas” (ibidem, p. 220) que o narrador consegue contar uma história e que o ouvinte a assimilará à sua experiência, e “irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia” (ibidem, p. 220). Na narração, não é essencial explicação, nem começo, meio e fim, porque, assemelhada à vida, ela termina, mas constantemente está mudando, como em um tempo que não demarca nem segmenta. Se o sujeito se perde na narração, ele não se preocupa com o que e para que ela convém; apenas se deleita na história, de modo que a experiência contada pela narrativa fará parte de sua subjetividade. Nessa medida,

é necessário tomar a experiência como um fluxo contínuo – narrá-la, ouvi-la, expor-se ao que vem.

Como tomar a experiência para si? Mais uma vez, percebo que a experiência é uma constante (de)form-a-tividade, pois toma forma e, em sua atividade, se deforma e novamente toma forma no corpo do sujeito, que, atravessado por outros ventos, a inventa de outras maneiras, narrando-a em seguida. Por isso que “[...] é no moribundo que não apenas o saber e a sabedoria do homem, mas sobretudo sua vida vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível” (BENJAMIN, 2012a, p. 224). Qual moribundo? O sujeito homem que se desamarra de prescrições, que fantasia e desenha sua existência conforme o passo que a vida leva. O moribundo da modernidade, que pensa no compasso da vida, está nos devaneios de Baudelaire, sujeito que o próprio Benjamin (2015) problematiza em sua obra *Baudelaire e a modernidade*. No ensaio sobre o poeta, Benjamin (2015) diz que Baudelaire usava o lixo da cidade para compor sua obra-prima, que dos restos sua existência surgia como um jeito único de estar no mundo, rompendo com qualquer modo “correto” de viver. Na interpretação de Benjamin (2015), para Baudelaire, “o herói é o verdadeiro sujeito dessa modernidade, e isso significa que viver a modernidade exige uma constituição heroica” (p. 76). Benjamin (2015) diz que a população da modernidade põe brilho nos olhos para olhar uma obra-prima, mesmo que esta obra tenha sido construída pela própria população, que se arrastou no chão e ofereceu seu suor para construir algo que ela própria só poderia observar.

Mas Baudelaire era ignorante de tudo isso (BENJAMIN, 2015). E, em meio à sua ignorância, vivia, de maneira que “as experiências estereotipadas [...] não estavam à sua disposição” (ibidem, p. 73). Desse modo, sua poesia contava ao vento, e não à norma dos paletós azul-anil.

[...] Os escândalos e atitudes chocantes de Baudelaire constituem, para Benjamin, seu modo particular de contraposição aos choques da modernidade. Sua lírica não pretende ser um para-choque e sim um contrachoque (D’ANGELO, 2006, p. 247).

Um choque na modernidade, o poeta faz com sua poesia. Porque não diz o que os ouvidos estão acostumados a ouvir, nem o que os passantes estão acostumados a ver. Benjamin (2015) aponta que Baudelaire deseja adentrar o mar quando em seus poemas observa os grandiosos barcos no porto, mas ele sabe que sua existência está regida pela modernidade e que, assim, “é em vão que o alto-mar o chama” (BENJAMIN, 2015, p. 97). Nas palavras de Molano

(2014, p. 177), “para Benjamin, la importancia de la poesía de Baudelaire radica justamente en que logró ver y perfilar las problemáticas de la modernidad y así aportó significativamente a favor de su emancipación”.

Então, segundo o questionamento de Molano (2014), é possível considerar uma inserção em alto-mar, mesmo que a modernidade nos chame à deriva? Seria em vão colocarmo-nos mar adentro? Estaríamos em uma desilusão quando sonhamos em não sermos conduzidos pelos confins dos ideais da modernidade? Dessas matérias da vida, podemos aproximarmo-nos para tentar entender o que nos diz Benjamin sobre a experiência. Vida, vivida, narrada. Saber, sabedoria, invenção – poderíamos considerar Baudelaire um narrador?

Quando o narrador narra, ao comunicar uma história, atenta Benjamin (2012a), evita explicá-la. De certo modo, talvez possamos compreender o que se está falando, pois estamos cansados de morais fatigadas, de ensinamentos que não podem ser permeados em nossa vida. Como sujeitos, queremos tomar a vida como nossa, tentando inventá-la, ao menos nos devaneios da varanda, sentindo que somos nós a conduzi-la. Para Baudelaire (2009a, p. 37), “[...] na grandeza do devaneio, o eu se perde depressa”. Estaria o sujeito desejando perder-se, deformar-se, mais que encontrar um caminho? Contudo,

[...] o narrador mantém sua fidelidade a essa época, e seu olhar não se desvia do relógio diante do qual desfila a procissão das criaturas, na qual a morte tem seu lugar, ou à frente do cortejo, ou ao final, como retardatária miserável (BENJAMIN, 2012a, p. 227).

É da vida que o narrador se ocupa, e, por compreender que a morte vem, de um lado ou de outro, é que esse que narra toma as coisas como fluxos, sem desejos imediatos de transformação. Poderíamos ousar dizer que não haveria espaço para um herói, mas uma heroica existência neste contexto moderno, que nos lança em correntezas, poucas vezes com possibilidade de saída.

O olhar está nos homens, nas criaturas, por excelência. A transformação, como (de)form-a-tividade, encontra-se nesse compasso de vida, que vive e experiencia, de um sujeito “que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2010, p. 62). Mas é preciso coragem para olhar o escuro do seu tempo, para o que quer ditar a vida do sujeito e transformá-la em uma eterna repetição, a fim de que o sujeito possa encontrar “nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós” (AGAMBEN, 2010, p. 65) e nos faz continuar o caminho, olhando além dela. Na via em que o

sujeito devaneia a vida, o que o atravessa para compor sua existência importa pouco; também Baudelaire (2009a, p. 37) diz que “estes pensamentos [estes atravessamentos, poderíamos dizer], porém, quer surjam de mim, quer jorrem das coisas, em seguida se tornam demasiado intensos”. Tal afirmação pode levar-nos a pensar que, na vivência da experiência narrada, pouco importa de onde surgem as criações, a vida que emana do sujeito, mas que ela surja, que ela alcance voos altos e intensos para quem nela se expõe, sabendo aterrissar no plano do agora, sem desejos de sobrevoar sempre mais e mais.

Somos e estamos no mundo; fazemos, produzimos, inventamos e deparamo-nos com tédio, mal-estar, um vazio que não entendemos de onde vem. Pouco do que nos é comunicado nos toca de algum modo ou, se nos abre a pupila, lentamente se vai como uma chama que se apaga. Qual o lugar da experiência? “Considerando somente uma experiência mecânica” (PINTO, 2016, p. 2), poderíamos pensar em encontrá-la em todas as nossas produções, como, por exemplo, nas máquinas que o sujeito inventou ou nos papéis que preencheu no escritório. Mas em que momento o sujeito se colocou em meio a essas experiências? Quando, em que ponto, essa experiência o afetou, transformando-o? Até quando tomaremos a lógica da modernidade para compreender a experiência como manipulação de objetos, de algo que podemos com inteligência agendar, organizar, manipular, criar, construir e jamais passar por nós, transformando-nos?

Ainda percorrendo os escritos de Benjamin (2012b), em *Imagens do pensamento*, encontro o relato “Conto e Cura” (p. 276): “a criança está doente. A mãe a leva para a cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias” (BENJAMIN, 2012b, p. 276). Não há a definição de quais gestos procederão da narração, “[...] seus movimentos eram altamente expressivos. Contudo, não se poderia descrever sua expressão...” (ibidem, p. 276). Será que todas as noites a mãe lhe contava histórias? Os gestos da mesma história eram iguais? Eram histórias improvisadas? Ao ler o conto, a fantasia descreve muitas imagens. É um conto que nos possibilita pensar e criar a partir da matéria lida. Também no seu trabalho intitulado *Rua de mão única* (BENJAMIN, 2012b), podemos acompanhar o estilo de narrar do autor, pois, em suas distintas narrativas, observamos seu estilo de escrever ao leitor. É possível que percorramos mais de um caminho a partir de suas histórias, já que Benjamin (2012b) não se preocupa com explicações, apenas narra. O que ele narra possibilita-nos experiência, a criação de outra narração, colocando-nos como sujeitos de mais de uma narrativa?

Benjamin (2002, p. 23), em seus ensaios sobre a experiência, diz que ela “é carente de sentido e espírito apenas para aquele já desprovido de espírito”. Para Pinto (2016, p. 4), “[...] é importante percebermos que Benjamin não defende que o conhecimento ou a experiência das coisas em si nos seja possível. Ele propõe que eles se dão, conhecimento e experiência, a partir somente do que no ser espiritual das coisas é comunicável ao homem pela língua”. De certo modo, podemos compreender que é preciso afetar-se com a coisa, e afetar-se também com os movimentos do mundo, para que então a experiência não seja somente a que nos passa, mas nos perpassa (LARROSA, 2016). Para Benjamin (2012a), a narrativa apresenta-se como uma possibilidade de, além de fazer, no sentido de criação além do já escrito, ter a experiência de narrá-la, de imaginá-la e de submergi-la em nossa subjetividade, pois ela não vem acompanhada de explicação ou modos de operá-la.

“A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Assim é também a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se o transcreve” (BENJAMIN, 2012b, p. 14). Nesse sentido, a experiência caracteriza-se de determinada forma se o sujeito coloca-se na posição de realizá-la enquanto um objeto produzido fora de seu corpo. Mas ela é outra se ele se expõe ao que vem, colocando-se como sujeito em uma via que abre outras vias, ao passo que se conduz no tempo.

Pobreza de experiência: isso não deve ser compreendido como se os homens aspirassem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso. Frequentemente pode-se afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e o “ser humano”, e ficaram saciados e exaustos (BENJAMIN, 2012a, p. 127).

Podemos, assim, compreender que, para Benjamin (2012a), há pobreza de experiência justamente porque o homem já não se coloca como sujeito dessa experiência, mas apenas no sentido de produzi-la, de fazê-la, de adquiri-la, possuí-la como um bem que se conta e guarda. Não que ele não possa somar experiências, mas isso só ocorreria se o sujeito fosse autor de suas obras, de suas ações, e não estivesse separado do que produz, fazendo com que sua vivência fosse experiência porque passou pelo corpo e o transformou e, “[...] ao nos passar, nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2016, p. 28) – e também deforma. No momento em que passa, o sujeito opera com a tradução do que vem, ao seu modo particular de existir.

### 3.3 Experiência – a infância do homem

*“[...] Quem possui uma régua de cálculo, e entra alguém que faz afirmações grandiosas ou tem sentimentos grandiosos, diz: um momento, primeiro vamos calcular as margens de erro e o valor mais provável de tudo isso” (Robert Musil)*

Agamben (2005) diz que a poesia pode ser provocadora da experiência, pois a experiência não calcula a certeza do que irá produzir, estando voltada à “proteção contra surpresas” (p. 52). Todavia, lembremos que, na noção de experiência moderna, o que desacomoda, o que choca e desestabiliza é uma “inexperiência”, já que, como mencionado acima, a experiência, advinda da ciência moderna, é tudo o que pode e deve ser medido e controlado pelo sujeito, que, por sua vez, foi “expropriado da experiência” (AGAMBEN, 2005, p. 50), ou seja, a experiência não está nele, mas em sua produção. Contudo, como já vimos em Baudelaire, o homem pode realizar uma destruição da experiência quando a busca do novo “não se apresenta como a procura de um novo objeto da experiência, mas implica, ao contrário, um eclipse e uma suspensão da experiência” (ibidem, p. 52). No entanto, o poeta Baudelaire desacomoda as propostas lógicas da modernidade e causa um choque com sua linguagem, na medida em que está expropriado da experiência no sentido moderno e não se sujeita aos moldes de um conservadorismo, de maneira que “[...] a poesia responde transformando esta expropriação em uma razão de sobrevivência e fazendo do inexperienciável a sua condição normal” (ibidem, p. 52). Sendo assim, não há limite para a existência, e a experiência não se encontra no já pensado e calculado, mas no que ainda pode não estar previsto na vida cotidiana.

Tal expropriação, Agamben (2005) vem chamar de “destruição da experiência”, uma vez que destrói a norma estabelecida, criando subversões do próprio modo de viver, que se reflete constantemente nas ações e obras humanas. Assim, Agamben (2005) busca destruir essa experiência que só está no produto do fazer, sem jamais levar o sujeito consigo. Nesse sentido, Rosa e Poli (2009) citam:

nessa virada – da experiência ao experimento – se produz uma ruptura, inédita na cultura ocidental, entre o sujeito que vive (que tem a experiência) e aquele que conhece (que faz a experiência) (ROSA; POLI, 2009, p. 6, grifos dos autores).

Estaria o conhecimento dissociado da experiência? Para Agamben (2005), a experiência é um problema da linguagem, tal qual apresenta em seu ensaio sobre a destruição da experiência (AGAMBEN, 2005) ao afirmar que “[...] não é necessário pensar em uma inscrição da linguagem no código genético, nem foi individuado, até o momento, algo como um gene da

linguagem” (ibidem, p. 73). A linguagem<sup>3</sup>, portanto, não está posta no sujeito desde seu nascimento; é preciso que o sujeito a encontre. O autor diz que

[...] alguns pássaros, privados prematuramente da possibilidade de escutar o canto de indivíduos da mesma espécie, produzem apenas um extrato do canto normal, podendo-se assim dizer que, em certa medida, eles precisam aprendê-lo, no homem a exposição à linguagem é condição imprescindível para o seu aprendizado (AGAMBEN, 2005, p. 72).

Então, como sujeitos, precisamos estar em contato, chocarmo-nos com a linguagem, com as formas de linguagem do mundo, com suas diversidades, adversidades e modos de existir. Conforme Pinto (2016, p. 4), “desde o mais simples objeto às mais complexas manifestações da vida espiritual do homem, tudo deve ser experienciado como uma espécie de linguagem”. Assim, se para Agamben (2005) a linguagem precisa ser aprendida, pois não nasce inscrita em nosso ser, então, se não nos colocarmos como sujeitos expostos às linguagens, será impossível apreender o que elas podem nos ensinar. No entanto, o autor atenta para os signos como um elemento fundamental, condutor entre a nossa natureza humana e a linguagem a ser aprendida. Os signos estão ali e não pertencem nem à linguagem, nem tampouco às suas significações.

Estes signos diferenciais, puros e vazios, ao mesmo tempo, significantes e sem significado, não pertencem propriamente nem ao semiótico nem ao semântico, nem à língua nem ao discurso, nem à forma nem ao sentido, nem ao endossomático nem ao exossomático: eles se situam na identidade-diferença (na chora, teria dito Platão) entre estas duas regiões, em um lugar do qual talvez não seja possível dar senão uma descrição topológica e que coincide com aquela região histórico-transcendental – antes do sujeito da linguagem, mas não por isto somaticamente substancializável (AGAMBEN, 2005, p. 74).

É na aproximação com os signos que o homem tem a possibilidade de transitar entre o silêncio pré-linguagem a fim de transpor-se à linguagem e significá-la por meio de fala. A exposição às linguagens mundanas, afetando-se com os signos que delas provêm, possibilita que o sujeito aprenda a sua própria forma de expressão, a sua linguagem, assim a transformando em significante.

O que antecede a linguagem, e não necessariamente em uma linearidade cronológica, mas em uma justaposição, é o que Agamben (2005) vem chamar de infância do homem; ele afirma: “[...] é através da linguagem, portanto, que o homem como nós o conhecemos se constitui como homem” (p. 60). Tal entendimento de homem e linguagem possibilita

---

<sup>3</sup> Destacamos que tal linguagem é compreendida para além da linguagem verbal. Linguagem neste contexto se entende como uma apropriação dos diversos modos de expressão.

compreendermos que, para haver linguagem, há uma infância do homem, uma “experiência enquanto infância do homem” (AGAMBEN, 2005, p. 59). O autor também questiona: “existe uma experiência muda, existe uma in-fância da experiência? E, se existe, qual é a sua linguagem” (ibidem, p. 48)?

Nesse sentido, problematizar a linguagem me faz pensar que essa infância é necessária para que exista a linguagem, mas ela não é “um paraíso que, em um determinado momento, abandonamos para sempre a fim de falar” (ibidem, p. 59). A linguagem e a infância do homem existem juntas; essa infância “constitui-se ela mesma na expropriação que a linguagem dela efetua” (ibidem, p. 59).

A partir de Agamben (2005), também posso compreender que, “se não houvesse a experiência, se não houvesse uma infância do homem, certamente a língua seria um jogo, cuja verdade coincidiria com o seu uso correto segundo regras lógico-gramaticais” (AGAMBEN, 2005, p.62). A experiência, essa infância do homem, é condição necessária para sua criação na existência, ou seja, o sujeito é infância e linguagem, caminhos trilhados conjuntamente que dependem um do outro para existir, pois um se expropria do outro a fim de saltar para a existência.

Infância é, pois, nessa leitura, o tempo do trauma, da inscrição da presença do outro e da escrita do Outro no corpo e na língua. Experienciar significa, portanto, necessariamente, voltar a acionar o infantil [...], ou seja, esse lócus atemporal que institui o ponto de abertura para o singular da enunciação. Momento de encontro, diríamos, com o mutismo do Outro, com os limites do campo da linguagem, que torna possível que ali um sujeito possa advir (ROSA; POLI, 2009, p. 6, grifo dos autores).

A partir dessa infância do homem e com ela é que o sujeito se constitui em meio à linguagem. A linguagem acontece porque existe essa infância, e a infância precede a linguagem, e as duas fundem-se a fim de possibilitar as mais diversas formas de experiência. Ou seja, o que o homem produz, inventa, cria, experiencia, pode ser precedido de uma infância, de uma experiência que dá condições para que a linguagem exista, para que fabulações e realidades sejam produzidas. Assim, a experiência pode existir, como condição desta infância do homem, e não somente da linguagem, que sem tal infância deixa que seja conduzida como um jogo e regras gramaticais (AGAMBEN, 2005).

### 3.4 Ex-pôr-se ao que vem

De que modo nos ex-pomos ao que vem? Larrosa (2016, p. 26) apresenta o sujeito da experiência<sup>4</sup> como alguém que se ex-põe. Alguém que está em suas vivências, joga-se ao frescor das manhãs de abril, encara a borboleta que pousa na ombreira do casaco e transforma em estímulo o que veio ao encontro em um dia que está só começando. Para tal noção de experiência, o sujeito não precisa segmentar tudo que vê, aplicar tudo que enxerga, como se fossem visões de um quebra-cabeça que necessita de encaixe. Entendo, a partir de Larrosa (2016, p.26), que, “[...] do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a ‘oposição’ (nossa maneira de opormos), nem a imposição (nossa maneira de impormos), nem a ‘proposição’ (nossa maneira de propormos)”. Considera-se, assim, a atitude do sujeito frente ao que se apresenta, ao que se coloca para ser feito, pensado, manipulado, vivido. Nessa encruzilhada, que exige atitude, o sujeito da experiência age ao externo, ao que vem, ao que pula e salta, e não consegue tomar apenas uma forma. Esse que se propõe a experiência se “ex-põe”, colocando-se ao que ali está, pois nossa “[...] ‘ex-posição’, nossa maneira de ‘ex-pormos’, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco” (LARROSA, 2016, p. 26), confere gosto às vivências que se apresentam para nossa existência.

Com a possibilidade de nos ex-pormos ao mundo, podemos fazer a escolha constantemente de nossa posição em relação às ações, opondo-nos, propondo, impondo. Tarefas desejáveis a quem muito tem o que dizer, a quem muito tem o que falar e fazer. Esses verbos, transformados em ações, produzem efeito, e o mundo pede que tomemos posição, que em nossa carreira profissional proponhamos ideias – melhor se forem novas. Difícil tarefa quando nos sentimos compromissados, apreendidos pelo discurso da vida profissional, estando constantemente propondo, nos posicionando. Estamos predispostos a essas falas que produzem discursos de inovação, rapidez, novidade, novas e constantes propostas, posições, imposições, que, por vezes, surgem em meio à promessa de uma nova ideia.

Não só propor, impor-se, opor, pôr, mas ex-pôr-se. Abrir-se ao que vem, ao que se move em nossa direção ou se afasta dela. Perceber e olhar, escutar e cheirar. Selecionar e provar.

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que ao pensar a experiência, Larrosa aproxima-se de Heidegger, para o qual “[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em ‘fazer’ uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, ‘fazer’ significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo” (HEIDEGGER apud LAROSSA, 2002, p.25).

Embriagar-se com o que pode conferir desejo e paixão, ou qualquer coisa que faça ex-pormonos ao movimento da vida e assim existirmos enquanto sujeitos da experiência.

Então, expropriar-se (AGAMBEN, 2005) da experiência é tomá-la em sua condição múltipla, como uma condição de viver, e isso é muito mais e diferente do que a produção de um simples experimento que se efetua fora de nós. Sujeito da experiência em sua condição múltipla, se expropria para apropriar-se, pois “[...] é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (LARROSA, 2016, p. 26). Nesse sentido, é preciso estar na cidade e não olhar somente para o que iluminam as luzes, mas para o escuro que se avizinha delas, pois é nessa expropriação que, talvez, seja possível apropriar-se, perceber o próprio tempo e adentrar nele, sem deixar cegar-se “pelas luzes do século” (AGAMBEN, 2010, p. 63).

Mas em que medida esse sujeito da experiência está disponível para expropriar-se? De acordo com Larrosa (2016), para que a experiência ocorra, é preciso que algo se passe ao sujeito, e, quando algo se passa, move o seu corpo, o seu pensamento. De quem nada afeta, de quem quase tudo está correto e de algum modo deve permanecer igual, sem que a dúvida lhe chegue, não se aproxima essa experiência que Larrosa (2016) quer propor, de modo que “[...] é incapaz de experiência aquele que se põe ou se opõe, se impõe ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’” (LARROSA, 2016, p. 26).

## 4. IMAGENS DA EXPERIÊNCIA

*Flâneur, dândi*, vida elegante, vida artista – imagens de vidas que, em algum ponto de suas andanças, se efetuam na experiência, pois estavam expostas ao seu tempo, ainda que de modo extemporâneo. Tais imagens convidam-me a percorrer suas atemporalidades, suas passagens e modos de existir. Imagens de vidas que, embora imersas na modernidade, estavam além e aquém do seu tempo.

Em Baudelaire (2010), encontro a imagem do *flâneur*, a imagem do sujeito embriagado de vida que tende a ex-pôr-se e, nessa ex-posição, se encontra com o vento, com a estrela, de forma que, no encontro com esses pares, não haveria espaço para uma posição, senão para muitas delas. A estrela não aceitaria o sóbrio observando-a, pois ele enxergaria sua pequenez. Todavia, o embriagado se ex-põe e, sem pressa ou medo de imaginar, coloca-a como a mais bela entre as demais – será ela única – e faz dela a melhor companhia.

Baudelaire mesclava suas figuras. Por vezes, seu personagem era *flâneur*; em outras, *dândi*; em outras, ainda, o que quisesse porque, “como não tinha convicções próprias, assumiu constantemente novas máscaras” (BAUDELAIRE, 2010, p. 98). Isso, para Baudelaire, não era problema, uma vez que compreendia que o herói moderno era um personagem. Assim, ele poderia mesclar-se em personagens quantos fossem seu gosto.

A multidão é seu domínio, como o ar é do pássaro, como a água, o do peixe. Sua paixão e sua profissão consistem em esposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, constitui um grande prazer fixar domicílio no número, no inconstante, no movimento, no fugidio e no infinito. [...] O amante da vida universal entra, assim, na multidão como num imenso reservatório de eletricidade [...] (BAUDELAIRE, 2010, p. 30).

O *flâneur* expunha-se ao cotidiano, e as pessoas eram fonte inesgotável de energia para sua vida. Observar, estar perto e longe ao mesmo tempo, sentir e andarilhar (CRIZEL, 2015) em meio à multidão, para a imagem do *flâneur*, são uma paixão, seu ofício. As pessoas, os passeios, a cidade, as ruas, o que se encontra ali, para ele, eram matéria para pensar, criar, viver. “A figura do flâneur nos convida a pensar naquele que faz pelo desejo de experimentar e que apresenta um olhar poético” (DIAZ, 2016, p. 60) na tentativa de estar em seu tempo e olhá-lo além do que se institui como norma. Para Baudelaire (2009a), a embriaguez é o melhor estado, aquele que permite que não sejamos capturados pela escravidão do tempo e que nos coloca a beber do pólen, do poema, do vinho, do que nos perpassa e atravessa.

Há que estar sempre embriagado. Tudo está nisto: é a única questão. Para não sentir o terrível fardo do Tempo que lhes dilacera os ombros e os encurva para a terra, embriagar-se sem cessar é preciso. Mas de quê? De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua. Mas embriaguem-se [...] (BAUDELAIRE, 2009a, p. 177).

Embriagar-se, "no extremo, drogar-se sem droga, embriagar-se com água pura, como na experimentação de Henry Miller" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 33), e não se converter ao vício, mas ao deleite de poder sentir a onda sem que o tempo diga que é hora de partir. Para embriagar-se, confia-se no vento e na estrela, deixando-se guiar, levar ao que não pode ser dimensionado pelo guia do manual que diz o que devemos ser.

E se, como em Baudelaire, a literatura auxilia nessa ex-propriação, é para que, como em um “[...] andarilhar errante e sensível” (CRIZEL, 2015, p. 16) na e pela multidão, estejamos ex-postos, transitando entre a literatura e a vida. Para Baudelaire, solitário dentro da multidão, a cidade não lhe era indiferente, mas seu motivo de observação. Colocava-se em um modo de ex-posição aos episódios da vida; escrevia não para conformismos de publicação, mas escrevia vida, o que se apresentava no passeio da cidade, como um modo de inconformismo com algumas realidades que se apresentavam e eram produzidas em seu tempo (BENJAMIN, 2015).

Tal vivência de um *flâneur* também nos aproxima de uma vida artista apresentada por Balzac (2009) no início de seu tratado sobre a vida elegante. Essa imagem, nas palavras de Balzac (2009, p. 31-32), constitui-se de “seres indomáveis [que] moldam tudo a seu gosto [...]”, e suas vidas são “elegantes e próprias, porque nele tudo reflete a sua inteligência e sua glória”. O artista exprime suas ideias com elegância, ele toma a sua vida para si. Mesmo para Baudelaire (2010), o artista não está somente nos grandes nomes que se tornaram conhecidos e hegemônicos, mas nos pequenos, naqueles que sua época não elevou, mas que “de tempos em tempos” (p. 13) colocam as coisas no devido lugar, ou seja, rompem com a certeza de um só

gosto e um só jeito de ser artista. Essas imagens de uma vida artista expõem-se na experiência, inflamam-se com as coisas da existência e fazem delas a própria escolha para viver, criar.

Ainda em Balzac, em seus escritos, quando se refere à imagem de uma vida elegante, tema central do já mencionado tratado do autor, entendo que para a vida elegante é preciso treino, ou seja, portar-se com elegância, fazer escolhas elegantes; mais que constituir a elegância da vida, ela está no próprio sujeito quando suas escolhas combinam com seu jeito, com sua expressão, com seu destino (BALZAC, 2009). A vida elegante tem como um dos princípios “[...] um elevado pensamento de ordem e de harmonia, destinado a dar poesia às coisas” (ibidem, p. 46). A imagem de uma vida elegante constitui-se também pelo pensamento. Em seu tratado, Balzac (2009) aponta para a influência do pensamento em relação às escolhas da vida, refletindo externamente o estilo de cada um. Para ele, “quanto mais as coisas sofreram a influência do pensamento, tanto mais os detalhes da vida enobreceram-se, aperfeiçoaram-se, engrandeceram-se” (BALZAC, 2009, p. 45). Embora esse tratado tenha sido escrito em épocas de ascensão do império napoleônico, no início do século XIX, cabe-nos problematizá-lo, já que Honoré de Balzac se torna um escritor de vida, e não somente de uma imagem de vida que se estanca em um século, mas que vai se constituindo ao longo dos tempos, transformando-se tanto quanto as pessoas a vão produzindo. A vida elegante é tomada aqui como uma imagem de viver, como uma forma harmoniosa de estar no mundo e agir conforme nossas escolhas, sendo que o modo como vivemos expressa aquilo que também nosso pensamento pode explorar.

Uma imagem da experiência que se expropria da lógica de uma realidade única pode ser compreendida também nos movimentos de um *dândi*. O dandismo não é uma doutrina, tampouco uma instituição dogmática que se instaura dentre os séculos, mas está ali, surge e se faz presença. Não há um manual para ser *dândi*, não há leis estabelecidas a seu domínio, mas ele se instaura no sujeito, mesmo não tendo uma definição única. *Dândis*, pode haver tantos, pois o dandismo não é uma questão de valor, mas de sutilezas, de escolhas e de jeitos de viver. Porém, para Baudelaire (2009b, p. 13), “o dandismo [...] tem leis rigorosas a que estão estritamente submetidos todos os seus súditos [...]”. Nessa via, temos que considerar que, apesar de não ser uma instituição oficial, para ele, os *dândis* obedecem a leis de viver, a apreciações da harmonia pessoal, da arrumação de si mesmo. Segundo D’Aurevilly (2009, p. 131), “o dandismo [...] brinca com a regra e, contudo, respeita-a ainda. Sofre com ela e dela se vinga quando tem de cumpri-la; invoca-a quando dela consegue fugir; domina e é dominado, alternadamente: duplo e móvel caráter!”. Nesse sentido, podemos pensar que para os *dândis* há regra e ao mesmo tempo uma ruptura dela, de maneira que ele possa encontrar seu estilo e

imprimir sua singularidade em meio às normas sociais, apesar de uma sujeição a leis, que tampouco estão inscritas em um pergaminho.

Encontro também nos escritos de Benjamin (2015, p. 98), que escreve sobre a vida de Charles Baudelaire, que seu “amor ao dandismo não foi feliz”. Segundo Benjamin, Baudelaire não tinha “o dom de agradar”, embora fosse “um aspecto tão importante na arte própria do dandy, que é, no fundo, a de não agradar” (BENJAMIN, 2015, p. 98). Assim, conforme Baudelaire (2009b, p. 16), os *dândis* “[...] têm todos uma mesma origem; são todos dotados do mesmo caráter de oposição e de revolta; são todos representantes do que há de melhor no orgulho humano, dessa necessidade, bastante rara nos homens de hoje, de combater e de destruir a trivialidade”. O dandismo ocupa-se de revirar-se contra o corriqueiro e contra o que se tornou comum aos olhos de todos, naturalizado. Sua revolução está nas palavras, no gesto, no pensamento, na voz, no dedilhar de uma corda, no riso. Não briga para incitar a guerra; ela acontece pelas frestas, pelos buracos, entre, no meio, porque é vida, e vida contínua. Sua lei é viver.

Para uma imagem *dândi*, “[...] a seus [próprios] olhos, obcecado, acima de tudo, por *distinção*, a perfeição da toailete está na simplicidade absoluta que é, de fato, a melhor maneira de se distinguir” (BAUDELAIRE, 2009b, p. 15). Em uma vida, segundo um *dândi*, o culto às grosseiras paixões fica aos que querem ostentar o luxo que carregam, muitas vezes, despidos de originalidade. A desonra para um *dândi*, nas palavras de Baudelaire (2009b), seria “irreparável”, ou seja, esse sujeito *dândi* pode até sofrer para si, mas sorrirá, pois “não pode nunca ser um homem vulgar” (ibidem, p. 15); mais que isso, sutileza, um modo particular de vestir-se, “uma certa força” (ibidem, p. 18), também são características que podem aproximar-se de tal imagem *dândi*.

Essas imagens – *dândis*, *flâneurs*, vidas elegantes, artistas –, em algum ponto, aproximam-se da experiência enquanto modo de expropriar-se de uma lógica homogênea de vida. Essas imagens experimentam, e experimentam com a vida, com seu próprio modo de viver, tomam a vida para flunar (DIAZ, 2016) artisticamente, são *dândis* e elegantes. Criam artimanhas para os desafios que surgem, trampolins para as tristezas – não as desprezam, vivem com elas em seu modo de entender a existência. Sorriem para o que lhes agrada, aproximando-se de alguma forma do que, de antemão, sabem que é seu estilo.

Coisas passam pelo corpo e transformam-no. Eis a força da experiência. As imagens que acima apresentei auxiliam-me a pensar a vida e essa composição das experiências. Não são imagens que se configuram iguais em todas as pessoas que delas se aproximam, mas tornam-se potentes articuladoras a quem se ex-põe a experimentar a vida.

## 5. COLECIONAR

### 5.1 Colecionador, Colecionar, Coleção

Captura. Coleta. Arruma. Desordena. “Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma única coleção” (BENJAMIN, 2012b, p. 39). A coleção é única, assim como as experiências da própria vida são uma única e particular coleção. Benjamin (2012b), nos escritos propriamente sobre o colecionador, aponta que, quando nos dedicamos a uma coleção, “[...] o ato de colecionar [tem mais valorização] do que sobre a coleção em si” (p. 233).

O que me interessa para esta dissertação é tomar o ato de colecionar como um procedimento metodológico de pesquisa. Pensar o pesquisador como um colecionador que captura imagens, objetos, afetos, pensamentos, e com eles compõe a sua coleção. Na perspectiva do colecionador, não há um modo único ou uma única coleção, mas várias que vão compondo a sua própria experiência. Também não se trata de colecionar para organizar, categorizar, ordenar, pois a “[...] existência do colecionador é uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem” (BENJAMIN, 2012b, p. 233). Segundo Benjamin (2007, p. 241), “[...] para o colecionador, o mundo está presente em cada um de seus objetos e, ademais, de modo organizado. Organizado, porém, segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana”. Para o colecionador habitar é preciso, sem jamais permitir que o hábito faça sua obra (BENJAMIN, 2012b), pois passamos “[...] ao lado de fenômenos nunca vistos sem nos dar conta disso, porque nossos olhos e nossas mentes estão habituados a escolher e a catalogar apenas aquilo que entra nas classificações assentadas” (CALVINO, 2010, p. 18). Habitar e não se habituar a ver o que deve ser visto, mas ver a fim de colecionar, de colher o que cabe a uma composição única. O colecionador não deixa que seu olhar se dome pelo já

estabelecido, permite que o passado seja redescoberto no presente e torna a materialidade dos objetos, mesmo que estes estejam velhos, atual, genuína e original a ele, à sua obra colecionada (RAMPIM, 2016).

Ao capturar o que lhe parece oportuno no agora, o colecionador não se atém a formular necessidades para sua caçada, caça e coleta. Seria esse colecionador também capturado por suas coleções? Benjamin (2012b), em sua narração “A criança desordeira” (p. 39), traz a ideia de que a criança é por si só um colecionador por excelência, pois está em um território como errante, nômade; o adulto não compreende por que ela habita os espaços utilizando a gaveta para guardar borboletas. Mas a criança não se importa com suas vivências desordeiras. Elas são únicas e de uma valoração que não é necessário que outros entendam. Para Benjamin (2007), o modo como o colecionador coleciona faz com que as coisas venham a ele e permite mostrar que também essas coisas andam por si, em um fluxo contínuo. A coleção, então, não só lhe pertence, como se aproxima dele, o colecionador, assim como em um sonho, em que coisas por vezes descabidas se aproximam e se tornam pertencentes àquele espaço imagético (BENJAMIN, 2007). Assim, em relação às coisas, “[...] não somos nós que pertencemos a elas, elas é que adentram a nossa vida” (BENJAMIN, 2007, p. 240).

Benjamin (2012b, p. 236-237) também evidencia que o colecionador tem um “faro apurado” e um “instinto tático” e que, quando decide pôr um objeto como parte de sua coleção, vai à caça, o captura, tomando cuidado para não desprender a atenção, deixando que algo se torne parte da coleção simplesmente pela caça, perdendo a valoração que inicialmente tinha como parte da própria coleção. Assim, o colecionador é aquele que eleva o valor de um objeto, isso porque, como parte da coleção, esse objeto tem uma valoração especial e particular, o que torna autênticas as escolhas e composições do colecionador. Agamben, referindo-se também ao colecionador, diz:

[...] Trata-se de uma obra de arte ou de mercadoria comum qualquer que, com um gesto arbitrário, ele eleva a objeto da sua paixão, em todos os casos o colecionador assume para si a tarefa de transfigurar as coisas, privando-as de imediato tanto do seu valor de uso quanto do significado ético-social dos quais elas estavam investidas pela tradição (AGAMBEN, 2013, p. 171).

Desse modo, o colecionador toma os objetos de sua captura como únicos, não importando seu valor social; tornando-os parte de sua coleção, é o valor afetivo que importa, e o valor afetivo do objeto em uma coleção “pode substituir o valor de uso” (AGAMBEN, 2013, p. 171), já que liberta os objetos “do mundo da servidão de serem úteis” (FERRAZ, 2014, p. 26), dando ao que coleciona um valor afetivo. Assim, o colecionador busca nos lugares

esquecidos, na sutileza do gesto, na rapidez da palavra, na expressão do sujeito, fragmentos de sua coleção; a fim de compor sua obra, ele “[...] consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto, um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas” (BENJAMIN, 2007, p. 241).

A matéria de suas coleções não obedece a uma intencionalidade utilitarista, uma organização prévia, uma ordem, uma cronologia, mas surge a partir de experimentações. O colecionador vive a experiência, vive sua coleção; ele não a compõe porque é preciso, mas porque ela faz sentido à sua existência. E as coleções vão se tornando uma grande coleção, reúnem acontecimentos, “[...] manifestações profanas de proximidade e presença”, e cada coleção “[...] é também um diário dessa obscura mania que nos leva a organizar o fluir da vida através de uma série de objetos que tentamos resgatar do esquecimento” (RIBEIRO, 2008, p. 7). Um objeto que possa ser esquecido por alguém, na coleção preciosa de um colecionador, é “[...] singular, cuja razão de ser só se verifica ao lado das outras peças na coleção” (FERRAZ, 2014, p. 25). Calvino (2010) narra sua aproximação do ato colecionador em uma exposição visitada em Paris, onde pôde presenciar uma coleção de frascos de areia e em cada frasco o lugar da origem desta areia escrito no vidro. No entanto, simples frascos de areia podem não fazer sentido aos que os observam, mas as memórias do colecionador de areia fazem cada frasco ser um refúgio, pois para ele talvez esta coleção seja

[...]justamente distanciar de si o barulho das sensações deformantes e agressivas, o vento confuso do vivido, e ter afinal para si a substância arenosa de todas as coisas, tocar a estrutura siliciosa da existência (CALVINO, 2010, p. 15).

A coleção importa ao colecionador, e a quem, talvez, possa observá-la, instigando o pensamento ao imaginativo das coisas. A coleção só tem sentido ao fluxo de invenção da realidade da vida do colecionador, em que cada grão de areia se torna um refúgio, uma memória a ser revivida ou até mesmo transformada. Ao colecionador, “[...] interessam justamente os vestígios, os resíduos, os fragmentos encontrados em cada nova busca, em cada lugar (re)visitado” (FERRAZ, 2014, p. 25).

As coleções estão, por vezes, tornando-se banais, multiplicando-se e seguindo a lógica da identidade. Fáceis de serem compostas, são vendidas em série. Há “[...] uma febre que multiplica as coleções ao infinito” (PERNIOLA apud FERRAZ, 2014, p. 30) em um mundo que as toma não como enigmáticas, possibilitando imaginação, mas como de fácil acesso, identificando-se facilmente com o objeto em questão. Pensando que uma “coleção nunca está completa” (BENJAMIN, 2007, p. 245), tomamos o ato de colecionar como inesgotável; mesmo

determinando seu término, ele permanece contínuo, ainda que não alocado em um determinado espaço e tempo legitimadores de sua existência.

Sendo assim, é possível tornar-se um colecionador, até mesmo um colecionador de paixões, pois cada coleção também responde ao desejo apaixonado de revisitar memórias e experiências de uma vida. Não está na coleção o momento presente do vivido, mas ela pode emitir afetos que serão traduzidos ao que se vive, recordando o que se viveu, se inventou, se imaginou por meio da coleção. A coleção torna-se, assim, intransferível a outro colecionador, pois aquele momento efêmero, que já não é o mesmo ao tomar a coleção única à retina, pode ser revisitado, permitindo que outros encontros efêmeros aconteçam, sejam potencializados, compondo uma grandiosa coleção de experiências da vida.

## 5.2 Sobre o colecionar da experiência

*“Convencer é infrutífero!”*

*(Walter Benjamin)*

Walter Benjamin escreve essa frase, e somente ela, em uma narração. Tão curta e gigante em sentidos, que a trago como abertura desta seção. Marcar tal frase talvez nos faça acreditar, tal qual o autor, que “a construção da vida, no momento, está muito mais no poder de fatos que de convicções” (BENJAMIN, 2012b, p. 9).

É com os fatos que temos a possibilidade de existir, fazendo de cada instante, das convicções, uma produção. E por isso podemos também decidir o caminho a percorrer, criar os passos a trilhar e explorar, experimentar, pesquisar. Essa capacidade de explorar, experimentar e pesquisar está na ordem do acontecimento, pois, como me ajuda a pensar Corazza (2004, p. 3), “pesquisar é um acontecimento fazendo-se, em choque com o já feito, uma experimentação dos conceitos e das imagens do pensamento que animam uma pesquisa do acontecimento [...]”. Em uma pesquisa do acontecimento, estamos implicados em atermo-nos ao agora, ao que pode o instante do encontro no acontecimento, e “o que é importante não são nunca as filiações, mas as alianças e as ligas; não são os hereditários, os descendentes, mas os contágios, as epidemias, o vento” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.83). O que importa em uma pesquisa na perspectiva do acontecimento é o processo dos encontros, as conexões de um acontecimento a outro, o entre, o que ela pode produzir de potência nos sujeitos que dela fazem parte. Nesse sentido, “o

objetivo está em dar mais atenção ao processo de criação do que ao resultado em si, o processo é o próprio acontecimento, e o acontecimento passa a ser o sentido” (ADÓ, 2013a, p. 207).

O pesquisar, a partir do acontecimento, não se estabelece alicerçado em um passado como fonte de representação para o que está por vir, mas em um passado que se atualiza intensivamente para chegar ao hoje, para encontrarmos-nos no momento em que estamos. Também “a alma não está nem em cima nem dentro, ela está ‘com’, ela está na estrada, exposta a todos os contatos, os encontros, em companhia daqueles que seguem o mesmo caminho [...]” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 76). É na estrada que fazemos a pesquisa, é com os encontros que produzimos vida, acima de qualquer outra coisa. É na experiência que se dão os encontros-acontecimento da própria pesquisa. Experimentar para experienciar, pesquisar o próprio acontecimento da experiência em meio à vida. Nessa medida, busca-se adentrar na estrada da pesquisa, não forjando um acontecimento, mas deixando que ele seja por si só encontros-acontecimento, ou seja, para que na estrada que se percorre seja possível experimentar-se.

Nesse sentido, é preciso um plano, minimamente uma rota de orientação para que se possa ir adiante. Tal plano não pode ser simplesmente copiado; uma vez que se entende a pesquisa como encontro, como um acontecimento, é preciso inventar um plano que seja ao menos sustentável à vida de pesquisa que se vive na imanência. É por isso que o ato de colecionar se torna o procedimento metodológico desta dissertação, e o pesquisador, um colecionador neste processo de pesquisa.

Em um movimento de criação, os procedimentos de pesquisa são pensados. Tais procedimentos não podem estar dissociados da matéria da pesquisa que percorremos e dos autores de quem nos aproximamos. Percorrer os escritos de Benjamin é tomá-lo como amante, apaixonar-se por suas ideias, não querer estar longe, mesmo que distante. Isso não somente porque sua literatura toma o corpo, mas porque com ela é possível mais. É possível traçar o caminho e acompanhar o processo, uma vez que ela permite que se imagine, que se crie; ela é frutífera, no sentido de que podemos explorar e experimentar. Todavia, é necessário explorar a matéria exposta, a que surge com a exposição. Tal exploração não se coloca para desvelar os objetos, indivíduos ou coisas, mas “agitações do espaço, buracos do tempo, puras sínteses de velocidades, direções, ritmos” (CORAZZA, 2012, p. 12). Dessa forma, tomo a noção benjaminiana de colecionador não para substituir qualquer outra referência de plano de pesquisa, mas como um plano inventado, como um procedimento a fim de criar a rota, instigar o olho, mover o lápis, marcar o papel.

Colecionar na pesquisa, por vezes, torna-se um movimento que não quer ser planejado. Campos (2017), em seu processo de elaboração da tese, organiza um caderno espiral, e ali estão colecionados momentos dessa trajetória, acontecimentos singulares que a ela fazem sentido, que a auxiliaram a pensar a própria tese. Perguntaria Calvino (2010, p. 13): “que espírito terá conduzido o colecionador?”. Aquela proposta de pesquisa de tese não necessariamente se debruçou sobre colecionar, mas o movimento de ordenar encontros foi tão forte que, apesar de não demandar obrigatoriedade, sua coleção se compõe enquanto sua tese é pensada. Uma pequenina coleção que se compõe no compasso da vida de pesquisa, junto à pesquisa e sem requerer um plano para sua coleta. Também Calvino foi um colecionador, não de objetos, mas de palavras, e com elas também colecionou livros, palavras ordenadas em sua própria produção, coleção (FERRAZ, 2014).

Há colecionadores de palavras, de papéis, de frascos com areia, de vidros de perfume. O ato de colecionar possibilita que a imaginação seja infinita, pois as coleções são inventadas, são compostas de acordo com o que o próprio colecionador desejar.

### **5.3 O território dos encontros**

No ato do colecionar da experiência, não colecionei frascos de perfume, nem montes de areia, mas palavras, gestos, olhares, afetos, percepções, dúvidas, perguntas, folhas escritas, anotações *online*, trabalhos executados, encontros, sorrisos, momentos de angústia e de alegria. Colecionei o que pude, e do que não colecionei somente o tempo foi juiz. Seria possível colecionar o tempo também?

Não sendo pretensiosa, colecionei meus encontros com a docência, na formação para e com docência, com docentes, com a docente. Colecionei um campo que saltitava de possibilidades. Colecionei porque não poderia deixar de. Quem imerge em um palco cheio de possibilidades, como o da formação de licenciados, ao qual vidas chegam, onde dúvidas transbordam, palavras borbulham e imagens são compostas, só pode sair dele tendo colecionado algo, e nada mais que isso. Colecionei, coleção, colecionador...

Aqui contarei sobre o campo de pesquisa, o que ocorreu e como seguiram as invenções, considerando que, apesar de ter sido uma pesquisa com proposta qualitativa, de caráter empírico, ela é inventiva. “Tanto a ficção como a realidade resultam de escolhas [...] aquilo

para que eu dou atenção, para onde eu olho é que vai construir uma história, quer seja uma história ficcional, quer seja uma história real” (TAVARES, 2017, texto digital). Aqui construí uma história, com porções de realidade e grandes doses de invenção. Tavares (2017, texto digital) vê a escrita como “uma possibilidade de verdade, que às vezes é mais eficaz do que uma sensação de verdade, que a realidade dá. A ficção poderia ser a verdade, essa é outra hipótese de verdade. E nós contamos a viver na realidade e pensamos, isso é a verdade!”. Porque existimos na realidade, mas também a inventamos, é que tomo esta dissertação como uma história inventiva, imersa na realidade, mas não fazendo dela um único modo de verdade; afinal, quem disse que o que acreditamos ser real realmente é?

A pesquisa desenvolveu-se no território inventivo da formação docente, em uma turma de 40 alunas, na disciplina de Estudos do Currículo do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, no semestre 2017/A. A disciplina tem como objetivo estudar as teorias do currículo, articulando experimentações curriculares em meio às temáticas que vão sendo abordadas. Essas experimentações foram pensadas no sentido de, além de explorar o tema central da aula, produzir experiências no próprio currículo, nesse espaço-tempo da aula, em um curso que pensa a docência. Assim, entre os estudos do campo curricular e as experimentações curriculares, problematizei a noção de experiência, já que, mais do que explicá-la, é necessário vivê-la.

Elegi esse território por entender que pesquisar na docência não é instaurá-la em um campo já pronto a ser desvelado, mas colocar-se como partícipe em seu próprio território de formação. É ir ao encontro, mesclar-se e caminhar junto. Assim, durante as aulas, já definidas no calendário da instituição e planejadas com a professora-regente da disciplina e também orientadora desta pesquisa de mestrado, foi possível desenvolver a investigação. As propostas para experimentação foram construídas no decorrer do semestre, considerando-se os movimentos que surgiram das próprias alunas da disciplina, pois elas eram coautoras, inventoras dos momentos de experimentações curriculares.

Em cada aula, propus a leitura de uma narrativa<sup>5</sup> de Walter Benjamin (2012b), extraída de seus escritos, que auxiliou na problematização e exploração das ações propostas. Não pretendi fazer a análise de narrativas, mas levar à sua criação a partir das narrativas já inventadas pelo autor, levando em conta a noção de experiência abordada no estudo. Em Benjamin (2012a),

---

<sup>5</sup> As narrativas utilizadas encontram-se nos anexos, identificadas conforme o encontro em que foram exploradas.

a narrativa torna-se uma possibilidade de criação da realidade, ou seja, a cada narrativa, é possível transformá-la em outra. As narrativas também podem ser entendidas como formas de “tecer currículos” (ROSA et al., 2011, p. 202), possibilitando a “ressignificação da própria experiência no seu fazer do cotidiano, na relação entre o eu e o outro, nos acontecimentos que nos deixam marcas de experiências vividas e não apenas vivências sem experiências” (ROSA et al., 2011, p. 202).

Do que escreve Benjamin em “O narrador” (2012b), podemos capturar alguns aspectos que se relacionam à arte de narrar, tomando, como matéria e operador da pesquisa, as narrativas. Na narrativa, não é necessário a explicação dos fatos. Ela é contada e de diferentes modos pode apresentar-se. Por requerer um senso prático, ela se mistura às experiências, sendo artesanal e milenar – “ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos” (BENJAMIN, 2012b, p. 220).

No processo de criação da narrativa, que pode estar em uma vivência e também nos movimentos inventivos do narrador, a explicação “é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas” (BENJAMIN, 2012a, p. 226). Nesse sentido, narrar – oralmente, na escrita, nos movimentos da dança, no teatro, nas diversas formas de linguagem – possibilita uma transmissão de experiências. Contudo, essa transmissão não é representacional, uma vez que, quanto mais uma narrativa se ex-põe, tanto mais seus saberes serão contemplados na própria experiência do ouvinte. A narrativa torna-se invenção, pois, por mais transmissível e imutável, ela sempre é transfigurada na subjetividade de quem conta, já que quem a narra “retira da sua experiência” e “incorpora [...] as coisas narradas às experiências dos seus ouvintes” (ibidem, p. 217).

Porém, é preciso contágio com histórias, com literatura, com a arte e com as formas de expressão de vidas para que haja narrativas. Só é possível considerar-se um narrador aquele que experimenta e que, com sua própria vida, cria a partir dos seus contágios. Assim, considerar as narrativas como modo de potencializar a criação é, ao mesmo tempo, tomá-las como inventivas, disparadoras de outros modos de viver, tendo em conta que a “breve memória do narrador” (BENJAMIN, 2012a, p. 228) só pode operar na ausência de explicações do corpo de uma narração.

É desse modo que os encontros foram pensados, como um encontro-narrativa, pois a narrativa não existe apenas nos traços de uma folha ou na voz de quem a conta, mas como modo de experimentar, em que é preciso o enredo e sua (re)criação, libertando o que de potente há em seu inventor (KEARNEY, 2002). Assim, na narrativa, é possível inventar o real.

#### **5.4 Da inutilidade do colecionado**

Cada encontro realizado com a turma foi como parte de uma grande coleção. Dessa coleção, foi possível capturar, selecionar e guardar fotografias, registros pessoais, gravações de áudio dos encontros e das próprias produções das alunas. Para resguardar os direitos de imagem, as alunas foram convidadas a assinar um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice), a fim de que as produções dos encontros pudessem ser usadas como matéria para criar.

No entanto, o objetivo não era avaliar a produção de cada aluna, mas tomar os encontros e o que emergiu deles para inventar narrações. Ou seja, o que se produziu, falou, registrou, fotografou, constitui-se em matéria para criar e explorar. Quando trabalhamos com procedimentos que vão se produzindo no decorrer da própria pesquisa, os tomamos como práticas que “[...] propõem e desenvolvem experimentações que têm relação com o novo e com todos os modos de desterritorialização” (CORAZZA, 2011, p. 69). Os dados de uma pesquisa não podem ser colhidos, descobertos e postos em manuseio, a fim de serem explorados com a ingenuidade de que não os desvirtuaremos. Os dados de uma pesquisa são importantes, pois se trata do registro de um acontecimento, de encontros, mas não podem ser “apreendido[s], nem compreendido[s], nem dado[s] (verbo), se não for[em] recriado[s], desvirtuado[s], para ser[em] transformado[s] em ideias, no registro da ilusão de estarmos sendo fiéis àquilo que foi dado pela realidade da pesquisa e por ela mesma construída como realidade” (CORAZZA, 2016, p. 328).

Sem duvidar de sua importância, pois constituem a memória de uma parte da vida de quem se encontrou, os dados precisam ser guardados para depois serem recriados. Tais dados são úteis a quem? De que servem, a quem servem os dados de uma pesquisa? Entendendo-se o colecionador como pesquisador e o ato de colecionar como procedimento metodológico de pesquisa, tais dados servem à inutilidade do colecionador, à inutilidade de sua coleção. Podem, no entanto, servir a alguém que queira recriá-los, ou seja, a partir de uma coleção já inventada, coletada, colhida, recriada, transcriam-se outros dados.

Guardados, agrupados, mesclados, depois ordenados, desordenados, reordenados, recriados, inventados deles mesmos. Assim se compôs o diário de pesquisa. Este ordenamento e desordenamento dos dados constitui o que podemos chamar de diário, entendido como coleção. “É que, como toda coleção, esta também é um diário: diário de viagens, claro, mas também diário de sentimentos, de estados de ânimo, de humores;” (CALVINO, 2010, p. 12-13). Uma coleção-diário que guarda o íntimo do colecionador, as perguntas, as dúvidas, guarda aquilo que naquele instante o fez erguer a cabeça, esbugalhar os olhos, lacrimejar a alma. O diário foi sendo composto dessa forma, com tudo o que se pôde produzir e guardar, coletar, rasurar, fotografar e também imaginar durante o tempo de investigação. Calvino (2010, p. 15) diria que “[...] o verdadeiro diário secreto a ser decifrado está aqui”, e o apresento como um ato ex-posto, um ato de expor-me também a esta experiência de colecionar e dizer de minha coleção.

Nessa medida, o que segue depois desta seção é o que pude ler, inventar em meio aos encontros do semestre 2017/A, sem, contudo, ocupar-me em perguntar “qual a significação (oculta ou explícita) daquilo que foi dito ou daquele conceito [...]” (CORAZZA, 2016, p. 329). Essa composição foi pensada como minha própria coleção, na qual, a partir da transcrição (CORAZZA, 2015) da matéria exposta (dados da pesquisa), criaram-se narrativas, mescladas com invenção, ficção da realidade e alguns componentes literários. A seção seguinte busca mostrar o que se passou em cada encontro e o que dele foi colecionado.

## 6. ENCONTROS

< algo que me invente e não me represente >  
< minhas características expostas na desordem destas narrativas >

Para “ouvir o que nunca foi ouvido, ver o que nunca foi visto. Permitir-se zoiar!” (PRETTO, 2017, p. 81), é que tomo a produção de minha dissertação como ato inventor de narrações. Narrar o que foi visto de um modo que me choca, que me atravessa. “Estamos cansados de textos promessas” (ADÓ, 2013b, p. 29), por isso este texto não promete, apenas se ex-põe ao que possa existir a partir dele. Como texto de narrativas expostas, ele experimenta o fascínio de quem o lê, pois só começa a ex-pôr-se a partir de uma deglutição de suas combinações letrais.

“O fascínio de uma coleção está nesse tanto que revela e nesse tanto que esconde do impulso secreto que levou a criá-la” (CALVINO, 2010, p. 13); logo, não digo tudo. O tudo existe? Perguntas serão corriqueiras no que os convido a perseguir. O que surge a partir de minha experimentação dos encontros com as alunas e a professora da disciplina está descrito e inventado nas páginas que seguem. Não me comprometo com uma ordem – a cronologia pode nos enganar –, então, não é preciso ater-se ao tempo, já que também ele é inventado. Contudo, acredito ser possível sentir em qual localização cronológica tais narrativas foram experimentadas, a partir dos traços, raros, que se referem a quando tudo aconteceu. A partir daí, basta inventar uma paisagem.

## ENCONTRO 1

Terça-feira de verão. **F**evereiro. **F**erve.

Apresentação de uma imagem de mim; quem é ela?

Da narrativa “Criança Mastigando” (BENJAMIN, 2012b, p. 38), uma escrita sobre: o que te fez parar enquanto lias?

## SALA DE AULA

Sala sem nome, cuja utilidade assinada pelas vozes que não se fixaram em papel nenhum dizem ser de aula. Ar fresco que era condicionado por uma máquina. Ar que auxiliava a cobrir a manta de ansiedade que se estendia sobre o corpo efervescente pelo início do que já havia começado. Sala que foi ordenada, orientada a permanecer de aula. O que seria uma sala de aula? Aos corpos que a desempoeiraram, seria uma sala com cadeiras e classes dispostas: uma cadeira perfeitamente encaixada em sua classe, cada classe via outra em sua frente. Assim se dizia uma sala que era de aula. Era. Não foi. Desconfigurou-se. Os corpos que não vieram para desempoeirar a sala que era de aula, mas usar a sala para aula, desordenaram e movimentaram. Ali jaz cadeiras e classes ordenadas, uma vendo outra à sua frente. Como poderia haver aula se já não havia uma sala que era de aula?

## RACHADURAS DA MADEIRA

Agrupam-se. Riscos se estabelecem no piso de madeira. Poros sentem o peso de um dia que carregou tantos encontros. Riscos que o tempo transformou em rachaduras na madeira e que guardam o arquivo de tantas vindas e idas, palavras contadas e caladas. O arquivo de uma aula está na rachadura, está na madeira, está em seus poros. O que diria o piso sobre uma aula? Nele, marcas dos movimentos de agrupamento, dos encontros de classes motivados pelos corpos de uma aula.

## MOVIMENTO

Quais movimentos podem a experiência de uma aula?

## MÃOS

Mão do abraço. Mão do laço. Mão da cigana. Mão tirana. Mão que acorda e que dá corda. Mão que dedilha, que empilha. Mão que trança. Mão da dança, do atirador, do condutor. Mão que marca. Mão pincel, do anel, da criança. Mão oculta, culta. Mão que envolve, devolve. Mão escrita, da escrita, dá a escrita. Mãos.

## SOLIDÃO

“A solidão é uma dispensa de portas fechadas”, diz uma aluna.

## O CIDADÃO

O cidadão conhecia o dia. Ao sair de casa, tateando o tijolo da parede áspera, sentia a janela que se aproximava. Tocava o trinco da porta e sabia que logo viria a esquina. Tão próximo da árvore centenária, o banco que atrapalhou seu caminhar. Por fim, o cheiro do café que saía da máquina. Uma cadeira, uma mesa, pires e xícara, sem açúcar. Tudo foi visto na primeira vez. Nas seguintes, tal cidadão não percebeu que a parede já não era áspera, que a janela virou porta e que a árvore centenária já não estava ali.

## O MUNDO

O mundo não está preparado para quê? O que é o mundo? É possível preparar-se para algo que ainda não existe?

## PRIMEIRO

Carlita, aos 12 anos, desenhou o primeiro beijo em seu diário. Aos 7 anos, ela tinha uma foto do primeiro dia de aula. Carlita ganhou uma pulseira de ouro com o primeiro dente. Também empacotou envolta em um plástico a primeira rosa do namorado. Carlita não guardou a primeira lágrima, tampouco tinha foto do primeiro machucado, nem colheu as primeiras margaridas do jardim na casa nova. Carlita, aos 45 anos, não tinha nada guardado do segundo, tampouco do terceiro, sua vida foi só do primeiro?

## PRIMEIRÍSSIMO

Uma coisa leva a outra. Ziguezague. Ziguezagueando o pensamento. Da narrativa lida, uma narrativa contada: O primeiro sorriso. O primeiro dente. Primeiro passo. Primeira palavra. Do infantil, importa o primeiro. Mal sabem os homens que a sustentação de uma boca também se dá pelos segundos, terceiros e aqueles nunca vistos, nunca lembrados dentes. Homens afogados pela ânsia de não perder o primeiro. Primeiro que vira substantivo, vira morada na existência dos passantes. Pobres homens que não conseguem lembrar-se do primeiro, guardar o primeiro, e vivem rodeados do agora. Pobres homens que tiveram apenas o último.

## DESAFIOS

“Os desafios nos fazem conhecer e criar novas coisas” (escrita anônima). Medo que briga com o desejo de ir. Na calada da noite, se formam os sonhos, tais sonhos que aparecem no dia, em outras moradas. O escritor que na noite viu seu conto, no dia ele estava na banca dos jornais, ou apenas em seus rabiscos matinais.

## PERFUMES E PENSAMENTOS

Poderia presumir que os agrupamentos corporais exalam perfumes semelhantes. Tais agrupamentos poderiam exalar pensamentos semelhantes? O que pode um pensamento semelhante?

## DESCONFIÔMETRO

Visão. Audição. Olfato. Paladar. Tato. Cinco sentidos. Opções de busca, coleta, captura, caçada. Bastam cinco opções? Somente cinco opções? O infantil transgride, não sabe o que são os sentidos definidos em cinco. No infantil, há também: Cheiração. Desconfiômetro. Empilhamento. Agrupação. Mistureba. Sem-sentido. Gostação. Experimentatizar. Usoabuso. Mil-conceitos...

## PADARIA

Na entrada, um letreiro; abaixo, quadro, giz e escrita do dia. Ao adentrar, um piso rasgado, marcado. Vê-se aí que o Sr. Tempo entrou no estabelecimento. Maldito seja o Sr. Tempo. Ele pesa, tem um barrigão, ali guarda tudo, até mesmo sua bengala, para nos dias em que se sente cansado ter onde se escorar. O piso marcado também é culpa de outros clientes, mas mais do Sr. Tempo. Além da sua enorme barriga, ele carrega lembranças, e essas pesam demais, talvez mais que a barriga. É que elas ficam na cabeça do Sr. Tempo e, às vezes, sentado em uma das cadeiras locais, ele a escora sobre uma mão, e o cotovelo de tal mão se apoia na mesa, que é jogo de tal cadeira local. Bom, aí está feito o estrago, mesa pesada, pesa sobre o piso, e ele marca. Há um local neste estabelecimento que está mais marcado. Os donos tentaram transferir a cadeira e mesa preferidas do Sr. Tempo, imaginando que ele pudesse marcar o piso igualmente, dando um ar mais homogêneo ao estabelecimento, mas no fim das contas durou dois dias, o Sr. Tempo retornou ao costumeiro canto, escolhendo outra mesa e cadeira preferidas. A vida diurna do Sr. Tempo é muito badalada, todo dia às 9h se encontra com o Sr. Café, e às 10h já chega o Sr. Caderneta, ambos muito próximos do Sr. Tempo. Tem dias que o Sr. Café está meio aguado, transparente, o Sr. Tempo reclama aos donos, mas eles respondem que a culpa é propriamente do Sr. Tempo, que deve estar com o coração estragado. Como o Sr. Tempo não tem tempo a perder com trololós, logo puxa papo com Caderneta.

## ENCONTRO 2

Segunda T e r ç a - f e i r a. Mais. **Março**. Do abraço.

Papel para palavras, de 5x20 cm, cuidadosamente largado sobre as 40 classes da sala que era de aula, aguardava ansiosamente a chegada de traços que descreveriam nele imagens... Abaixo da mesa, mais papel e palavras, de uma narrativa benjaminiana, desordem para a “Criança desordeira” (BENJAMIN, 2012, p.39).

## MARISA

Marisa tinha vontades, que ficavam frequentemente dentro de uma pequena bolsa. Marisa ria, Marisa silenciava, Marisa conversava. Algumas vezes, Marisa escrevia o que não era, também falava o que não era. Na sala de Marisa, era preciso falar; mais que falar, era preciso saber o que falar. Marisa nunca entendeu o que era preciso, sempre estava trans-precisando. Medo ela sentia, mais medo do boletim. Marisa sabia de suas notas, elas eram copiadas das provas que foram entregues antes mesmo do boletim. Mas havia um espaço. Espaços podem muito. Espaços vazios podem muito mais. Quanto um espaço tem de possível? Mas naquele espaço do boletim havia pouco do possível. Nas três linhas: “conversar menos para não atrapalhar o colega”.

## MARISA II

Balance, balance... No balanço, Marisa podia o possível no intervalo. Tinha um colega. Neste espaço, que não era só de três linhas, havia conversa. Marisa via que a conversa alegrava, por que não alegraria na sala de aula? Conversa sem medida, medida, desmedida. Marisa já não andava de balanço, estava em outra sala, precisa da conversa. Procurou na bolsa, não encontrava mais a conversa. Tinha perdido, desaprendido.

## CADERNOS

De espiral. Encapado com papel de presente. Passado Contact. O mais barato. Capa dura. Ganho da escola. Folhas com desenho. Folhas amarelas. Reciclado. Pequeno e grande. De caligrafia. Para desenho. De tema. Tantas cópias. Tanto guardado, revisitado. Coleção de cadernos. O que guardam estas coleções? Ali também o cheiro do chimarrão com canela e açúcar. Das agonias depois de um dia difícil na escola. Da raiva de uma disciplina. Do texto não lido e da pesquisa malfeita. Do elogio e da exaltação por uma conquista. O cochicho. O assunto que veio sem ter espaço na aula. O silêncio das palavras não ditas.

## EXPERIÊNCIA

Experiência da palavra. Do silêncio da palavra, mas da palavra feita. Mesmo que não colecionada, a experiência é do dito. Experiência que se torna coleção quando dita. Experiência não é feita de grandes acontecimentos, ela se encontra nas frestas, no buraco do chão de cada encontro. Pequenos fragmentos de uma coleção semestral.

## ESCRITA

A escrita é um espaço em que a vida pode se tornar outra.

## CRIANÇA DESORDEIRA?

Criança desordeira da ordem ordenada da cadeira. Ordem mãe. Ordem de ser adulto. Ordem de viver para ser. Ordem de fotografar para existir. Ordem que existe para ensinar, ensinar para ordenar.

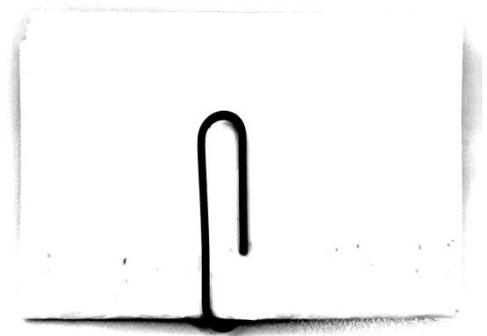
## INFANTIL

Haveria ordem no infantil, naquele que brinca e percebe o tempo pelo pulsar de seu coração?

## CLIPE

Na antiguidade... Na atualidade, era usado para segurar. Seu uso também era muito comentado, pouco secreto. Apesar de não ter fama de confiável, se tornou popular. Segura os segredos que ali não foram escritos. Também segura as palavras que ali não foram escritas. Segura o que quisera ter sido impresso, mas deu oportunidade para outra coisa. O que tem ali dentro?

Figura 1: clipe



Fonte: da autora

## CAIXAS

Havia duas caixas. Duas opções para guardar amigos, aventuras, momentos e palavras, à escolha. Ideias, conquistas, sonhos e vivências não tinham encaixe em nenhuma. Como seria encaixar os sonhos de cada um? Ideias e vivências encaixadas, como gavetas fúnebres?

## IMAGENS

Figura 2 – margens



Fonte: da autora

Imagem-escrita colecionada.

Imagens de escrita.

Imagem-escrita dita.

Experiência dita.

Imagem-escrita solta.

Escrita possível.

## VITE

“Não diga nada, eu vou embora”; “Pare de ser besta, vamos conversar, acertar as coisas”. “Não temos mais solução; eu vou, e você fica”. Vite pegou sua bolsa, a saída estava à sua espera. Escolar não entendia esta decisão, apesar de tudo parecer óbvio para os demais. O sol apareceu novamente, e Vite não cevava o mate. No tempo destinado ao biscoito matinal, Escolar serviu café para sentar-se solitário à beira do roseiral. As rosas exalavam perfume, o balanço gritava, sons indefinidos ecoavam pelo gramado. Na saída, Escolar cuidadosamente deixava sua marca no vidro que copiava, ali mesmo guardava o bilhete que confirmara sua vinda. Escolar estava, mas talvez lhe faltasse o mate matutino que cevava Vite. O hábito de Escolar pouco era alterado, salvo quando do portão tinha que sair para outras coisas visitar. O inverno ia e vinha, e Escolar não esquecia Vite. Escolar decidiu procurar algo para sua vitalidade. Começou pela cafeteria da esquina; por alguns dias, sentou-se ali depois de deixar sua marca no vidro que copiava. Encontrou no local Calvino. Estava um tanto amarelado, Escolar não se importava com o velho. Calvino começou a acompanhar os dias de Escolar. Em outro momento, Calvino lhe gerou energia, com suas *parolas*, mas Escolar queria mais. Naquelas formas espessas de carvalho que encontrou Calvino, Escolar voltou e se deparou com Hemingway, o que aumentou a paixão de Escolar pelo mar. Depois dele, veio Benjamin, esse foi seu maior vício. Encontrá-lo naquela cafeteria tornou-se corriqueiro, como o desejo de estar em Ibiza no próximo verão. Escolar desejava o vespertino, sua paixão por colocar o dedo no vidro que copiava era intensa. Começou a perceber que não poderia viver sem eles e outros que fora encontrando naquele pitoresco local. Como gotas em conta-gotas, suas novas companhias foram ocupando o espaço em que antes habitava Vite. Matutinamente cevava o mate.

## CURRÍCULO

O que colecionamos em um currículo vital?

## COPIADORA

Sr. Tempo estava tranquilamente em seu costumeiro local. Como nada lhe passa despercebido, viu que uma menina se encontrava debruçada em uma das mesas locais. Ali não havia resquícius de cafeína, tampouco de cacau. Ali jaz uma árvore. Eram linhas traçadas e letras expostas que não poderiam se contar. Sr. Tempo, como pena no ar, chama a menina, que apenas desvia a cabeça para ver quem a chamava. Ele disse para que ela se aproximasse. Ela logo deixou notar que estava apressada, e sua caneta não parava de trabalhar, como uma copiadora a laser, que multiplicava palavras em segundos. “Venha, moça, te peço um *cappuccino* italiano, te esquentas e me conta sobre tuas escritas”; “Não posso, preciso copiar essa matéria antes da aula. Peguei emprestado de minha colega. Meu caderno molhou com essa chuva de uma semana, então, estou fazendo um caderno novo”.

### ENCONTRO 3

Terça-feira, ainda março.

Lã, teia entre as classes. O que se passou? Escrita.

COLECCIÓN

Figura 3: classes



Fonte: da autora

acontecimento      escolha do dito  
entre-s; fresta-s; buraco-s;

Imagem 4: linha



Fonte: da autora

O que está entre?

## CAMINHOS DO CURRÍCULO

“E agora? Passamos por onde?”, perguntam.

Há que se inventar caminhos quando um currículo barra.

## LINHAS

Linhas. Somente elas viram o que se passava no acontecimento. Linhas testemunhas, testamento. Teste. Por elas, muitas coisas. Uma linha-diário. Segredos secretos de linhas que viram e não guardaram.

## FOTOS

A fotografia é o testamento do acontecimento?

## SETAS

Quando o moleque chega na fila, a seta o espera para dizer por onde. Quando pessoas esperam o ônibus, a seta não está, mas esperam enfileiradas. Quando não há fila nem setas, decide-se por uma ordem particular quem por primeiro irá. Quais setas esperamos? Poderia uma seta conduzir à experiência? Haveria experiência conduzida?

## ATRASO

Ao chegar atrasada, abriu a porta. Pegou pelo meio, seu início já não era o de todas as outras. Alguém lhe disse como passar. Passou. Teria feito outro caminho se não tivessem lhe dado um?

## LINHAS II

Firmes. Flexíveis. Emaranhadas. Rizomas? Linhas. Desafios. Curiosidade. Surpresa. Espera. Estranhas. Movimentam. Desafiam. Destino. Desejo. Mudança. Saudade. Moral. Aperto. Raiva. Sentido. Conclusão. Fechamento. Monotonia. Preguiça. Caminho. Facilidade. Estranho. Exploradas. Relacionar. Murmúrios. Passos. Aprisionam. Tropeços. Câmera. Falhas. Risos. Pular. Elásticas. Criança.

## IMPRESSÕES

A dependência de ficar com o primeiro olhar. Demasiadamente esgotante ter que achar verdadeiro somente o primeiro olhar. A retina nasce todos os dias ao abrirmos os olhos. Teríamos mesmo que aceitar a primeira impressão? Somos tantos outros amores; tantos outros desejos de sabores; tantos outros cadernos, diários, segredos.

## LUGARES

Aquela sala que era de aula, habitada. Por mais que outros habitassem, havia lugares. Sempre os mesmos lugares. A aula só se tornaria de aula se o lugar fosse aproximadamente. Aproximadamente. O tempo transforma ao menos as poeiras que põem tal lugar. A experiência de uma aula posta em um lugar. Destinos para a experiência. Experiência do destino.

## PRISÕES INVISÍVEIS

Engessados, amarrados, presos. Desamarrar, alívio. Prisões invisíveis. Amarrações diárias. Engessamentos constantes.

## TORTA DE MAÇÃ

“Sr. Tempo, bom-dia”. “Olá, hoje vou escolher algo diferente para comer, acho que vou querer a torta de maçã, aquela com canela, aveia e um toque de mel”. Senta-se no espaço onde o piso já tinha marcas. Logo começa um papo com Caderneta, papo que tomou proporções que nem ele poderia medir cronologicamente. Questiona-se: por que querer outras comidas das que estavam dispostas na vitrine elegante de seu estabelecimento preferido? Deliciosa torta de maçã, gosto pela torta de maçã, preferência pela torta de maçã, amor pelo sabor da torta de maçã, hábito da torta de maçã. Sr. Tempo se deu conta de que, para ter outras opções de doçuras, teria que visitar outro estabelecimento, assim talvez tivesse a chance de experimentar outras tortas. Sua paixão pelas tortas era grande, mas também sua paixão pelo estabelecimento, local em que poderia encontrar Caderneta, companheiro de longa data.

## LÚCIA

Lúcia passou seu domingo em frente à janela. Da janela, a palmeira, as telhas que caíam, mas ainda não estavam ao chão. Verde musgo dos fungos que preenchiam a parede lateral. Madeiras enfileiradas e presas por filetes compunham a velha casa, que misteriosamente não se deixa descobrir. O voal permitia imagens mestiças. Lúcia chegara à sua sala de aula antes do horário inicial. De sua bolsa *jeans*, tirou o *pen-drive* que continha conteúdos. O computador não aceitou sua preparação para a aula. Lúcia acelera os batimentos cardíacos. Era a primeira aula de Lúcia como professora universitária. Havia tempo para pensar em outra coisa. Buscou nas memórias de sua formação docente traços do que fazer. A aceleração cardíaca era mais forte do que a retomada de lembranças. Lúcia busca uma caneta para quadros e escreve, coloca a pergunta tema da aula. Lúcia decidiu esperar os alunos e falar sobre o acontecido. A aula de Lúcia passaria a ser sobre a experiência da aula. A composição da aula, as matérias que fazem uma aula, como tantos anos de aprendizagem em técnicas didáticas não previram o fato que passara com ela. Lúcia, sentada na cadeira de professor, perguntava: quais experiências compõem a docência?

## PALAVRAS

Uma economia de palavras leva a uma economia de experiências?

## MARIA

Maria abria os olhos para acordar. Tomava água para ficar hidratada. Comia para não ficar doente. Ia ao trabalho para ter dinheiro no fim do mês e por fim comprar algo que lhe agradasse na loja. Maria não encontrava sua amiga sem saber que haveria um assunto para ser debatido, alguma novidade a ser contada. Maria transava com seu marido, pois percebia que já fazia dias que não se relacionavam. Maria ia à psicóloga, mas antes encontrava um acontecido para contar na consulta. Maria fazia uma festa para seus filhos para ter recordações da infância. Maria escrevia em seu diário para ter registro de sua vida. Maria acreditava ser feliz, e sua vida tinha objetivos. Maria acreditava não desperdiçar a vida.

## BRINCADEIRAS

“Não me permiti explorar o estranho”, sussurra alguém.

Onde se encontra o infantil, que brinca sem perceber que o tempo já lhe diz que é hora de ser sério?

## GUARDADOS

Seria possível guardar experiências?

## ENCONTRO 4

Terça, sem feira. Quando março termina? Fim do mês.

Lã de antes. A mesma lã em outra coisa. Diferente, difere lã, lá, aqui. Na folha, supostamente em branco, lã, colagem tentando narrar sobre um movimento do hábito (BENJAMIN, 2012b, p. 44).

Imagem 5: nós

## NÓS

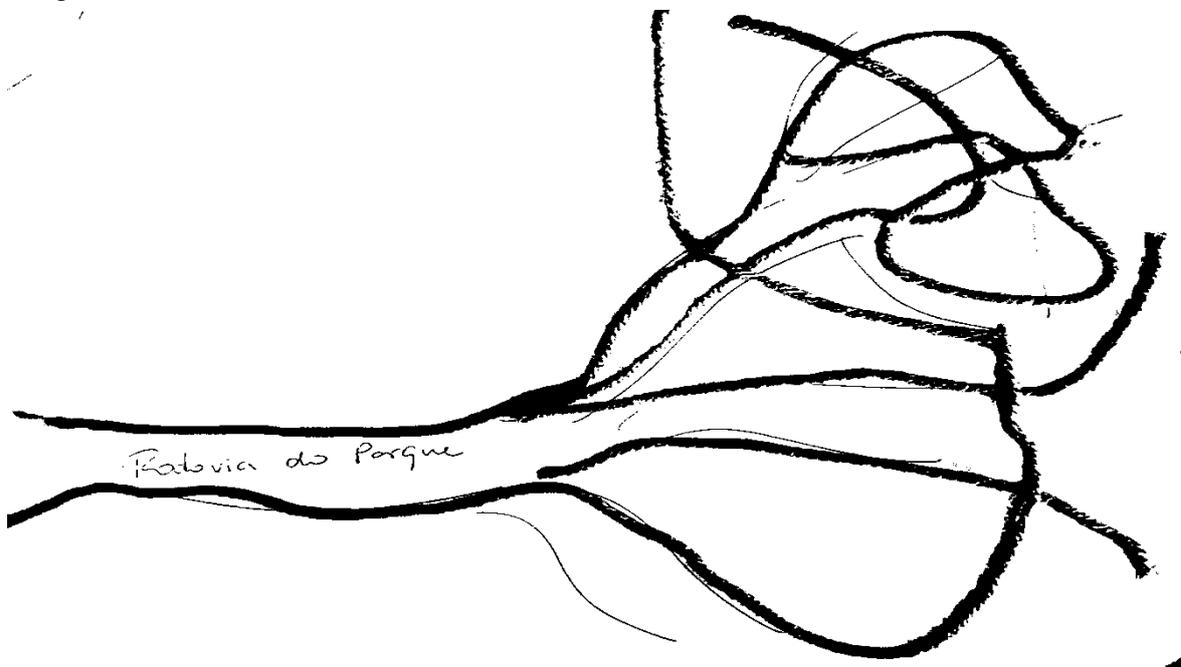
Das coisas por vir.  
 Dos hábitos que ainda não me  
 alagam.  
 Dos nós que amarram e bifurcam.  
 Do hábito de lançar o nó.  
 Nó amarra, na marra.  
 Desamarra.



Fonte: da autora

## QUEBRAR O HÁBITO

Imagem 6: caminhos



Fonte: da autora

Risco. Quebra. Decisão. Caminhos mínimos. Lasca na lã. Outros caminhos. Decisão.

Como o pensamento irrompe o hábito?

## FRESTAS

Há frestas em cada centímetro. No milímetro de cada palavra, o som silencioso do entre. Na medida da linha da vida, lágrimas que choram sozinhas.

Imagem 7: gotas

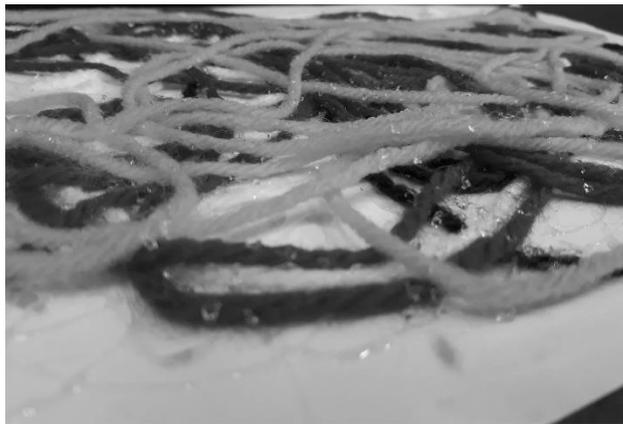
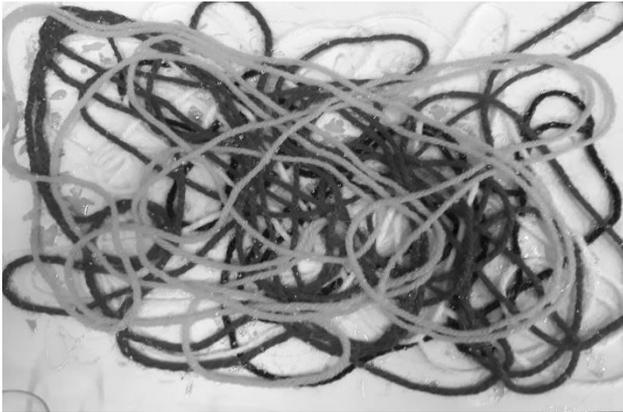


Fonte: da autora

Nas cordas que amarram o ensinar, gotas que escapam e não compõem a cena do aprender. Sombras que aparecem, insistem, estão na cena e não são. De tudo, só o que pôde o hábito.

*COLECCIÓN II*

Imagem 8: composição



Das imagens mesmas;

que não as mesmas;

a mesma imagem.

O mesmo que repete,

que difere,

diferencia, diferença.

Imagem outra,

outra imagem.



Fonte: da autora

## SEM TÍTULO

Da imagem que habito ao hábito da imagem.

*HERMOSAS!*

A mesa estava composta. *Notebooks* abertos na promessa de indicar seriedade. Ao centro, brilhavam fileiras descoloridas, entre o que se chamaria de *nude* e a homogeneidade do que não era “tudo igual”. *Hermosas!* Não tinham como não serem notadas, cada uma apresentando uma cor. Fiéis ao papel, leais ao pensamento? Entre o que pensa o pensamento e o que escreve a escrita, há.

## CATARINA

Catarina, já atrasada para o primeiro período, sem a refeição que inicia o dia, passa pela cafeteria, aquela com a placa e giz onde se escreve o que se come no dia. A proposta mental era agarrar o café no isopor e uma *medialuna*. Ao adentrar, o cheiro lhe toma o coração, vê uma xícara trêmula na mão, que logo se assenta ao pires. Das xícaras da vida, no presente, seu desejo era estar com aquela em que seus olhos eram testemunha. Primeiro as desculpas, tão rápidas em acompanhar a vida, e depois a decisão de estar ali, com a xícara e o pires, banhados em abundante café. Em menos de cinco minutos, a mochila se escorava em uma das cadeiras que rodeava a mesa, sua refeição iniciava, e o período esperava.

## SEM NOME

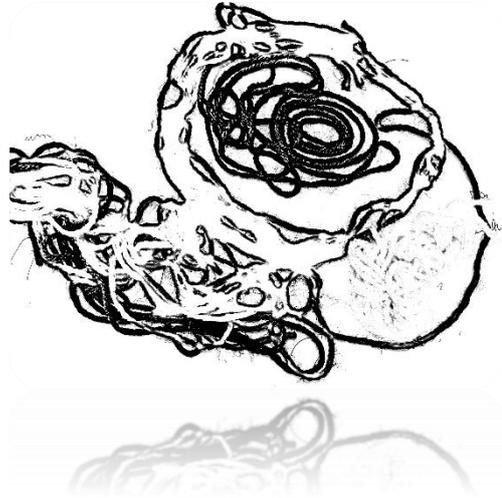
A quem interessa o nome quando seu devir é tão mais?

## MUDANÇA

Caos. Dia a dia. Mudança. Querer. Mudar.  
Dúvida. Mudar. Outro caminho. Por querer. Não  
o mesmo.

Se tornaria um hábito o costume de mudar?  
Pode o hábito habitar a diferença?  
O que difere é um não-hábito?  
Quem habita o hábito que nos escolhe se escolhe?

Imagem 9: caos



Fonte: da autora

## ENCONTRO 5

Terça. Abriu(1) outro mês. Dois mil e dezessete.

Técnica. Corte e colagem, montagem. Outra narração a partir da narrativa “Criança escondida” (BENJAMIN, 2012b, p. 40).

## ESCONDIDO

É possível ver o que está escondido?

## BOCA

Boca. Da boca. De boca em boca. Da boca pra fora. Fora. Cai fora. Boca. Boca conta. Da conta. Te conta. Boca. Boca suja. Boca lavada. Mal. Conta. Reconta. Conto. História. De boca. História contada de boca em boca, por bocas mal lavadas, sujas, contam e dão conta, recontam uma história narrada. De boca em boca.

## SEM NOME II

De onde vem quando vem do coração?

## ROSAS

Rosas mistas, místicas. Alguns gostam, outros odeiam, tantos nem as veem. É possível guardar o perfume da rosa?

## CAMINHO

Dá-se um caminho. Não se consegue ir por outro. Muitos caminhos. O mesmo para muitos. Múltiplos caminhos possíveis. A espera. Modelo. Querer outro. Certeza do caminho. Caminho certo. Desvio. Desviar o caminho. Certeza de ter um caminho. Não caminho certo. Certo caminho. Apenas caminho. Caminho na estrada. Estrada com caminhos desviantes. Incerteza do caminho. Pertencimento ao caminho. Durante o caminho. Apenas caminho.

## LENDA FORMACI

Conta a lenda que, em uma aldeia distante, havia uma mulher muito bonita. Ela nasceu, brincou, amadureceu, se formou e virou adulta. A mulher, chamada Formaci, não via a hora de ser adulta. Formaci, certa vez, já adulta, sentada na gelada pedra, onde podia se escutar a água que passava e não retornava, recordou os tempos de infância. Quando criança, havia infância para Formaci, ela podia correr pelo mangueiral, construir casas de pedras e camas com folhas de coqueiro, rir do que tivesse vontade, sentia como se muito pudesse, e as coisas em Formaci se transformavam. Quando se pode, há infância? No tempo em que havia infância, Formaci inventava muito durante o dia e de noite. Na pedra gelada, que era tão gelada que chegava a causar arrepios na espinha, ela imaginava, como um refúgio, uma gruta secreta de suas memórias e segredos. Formaci, adulta, retorna à pedra gelada para buscar infância, mas nada acontece, nada se transforma. Sentada, percebe que algumas pessoas passam por debaixo de uma ponte, próxima à pedra gelada. Formaci decide passar pela ponte, com a expectativa de que houvesse infância ali. Foi. Passou. Formaci não compreendia onde estava a infância: como fazer tempo-infância quando adulta?

## ENCONTRO 6

Terça-feira, porque nos encontramos no dia em que muitos dizem ser o mesmo. Meio de maio.

Sobre narrativas. Sobre experiência. Sobre experimentação. Olhos vendados.

## CONFIANÇA

É preciso confiança para a experiência?

## ENTRE

Experiência entre. Infância. Língua. Experiência. Fluidez. Desacúmulo. Experiência. Memórias. Sensações. Coleções. Existência. Tempo.

## NARRAR

Narrar sem palavra. Narrar sem gesto. Narrar sem. Narrar com. Narrar apenas. Narrar do narrado. Narrar ao vento. Narrar o vento. Narrar o vento ventando. Narrar para narrarem. Narrarem o vento ventando e assobiando.

## ESCRITA

Escrita que acerta é escrita certa. Apenas escrita. Certa escrita que foi escrita.

## ADESTRAMENTO ESCRITURAL

Educar-se para a escrita é ser adestrado por ela?

## RECUPERAR

Recupera-se o conteúdo. Recuperam-se o ano, a aula, o caderno extraviado. Recuperam-se os dias letivos. Recuperam-se a nota, a prova, o semestre. Recupera-se a experiência?

## LUZ

Quando a luz batia nos olhos, eles se encontravam com o céu.

## OLHOS VENDADOS

Olhos vendados. Caminhantes. Corrimão nunca visto, nunca usado. Olhos vendados. Cegueira. Na visão dos olhos vendados, viu-se o corrimão nunca visto pelo vidente. Práticas que possibilitam ver de olhos vendados são mais videntes que o caminhante diário que se habitua ao mesmo caminho.

## 7. EX-POSIÇÕES FINAIS

Walter Benjamin (2007) escreve: “o conceito de ‘grotesco’ deriva das grutas nas quais os colecionadores guardam seus tesouros” (p. 245). Grotesco como caricatura pessoal, como gruta de tesouros, como coleção particular. Coleção que eleva e valora o que pode ser grotesco ao mundo e um tesouro à experiência de cada um. Uma obra grotesca é entendida como “[...] contraponto da estética clássica, reconhecida por valorizar o lado harmonioso e racional do objeto artístico” (ROBLE; ARAÚJO; 2016, p. 150). Obra, coleção como gruta secreta, particular, misteriosa, de múltiplos sentidos.

Ao que se expõe tal gruta secreta? Se a coleção se torna aqui uma gruta, onde guarda tesouros, qual a medida de sua ex-posição? Quem e de que modo se ex-põe? E, se ex-põe-se, que multiplicidades cria?

Vejo que não se pode terminar uma dissertação com ponto final. Além de algumas indagações, permeadas de outros conceitos, de novas buscas, tantas dúvidas acompanham esta seção, que deveria ser a conclusão. Como não me comprometi a dar respostas, mas a perguntar, escrevo para transpor, à escrita, invenções de leituras que acompanharam tal pesquisa, de perguntas que rodeiam o pensamento, de justificativas falidas para ações de uma pesquisa acerca da experiência.

Pesquisar a experiência que escapa. Uma sensação de liquidez, como a obra de Salvador Dalí intitulada “Persistência da Memória”, na qual os relógios escapam, se movem, por ali passam. Assim é pesquisar a experiência, pesquisar na experiência – um escape no tempo, uma fluidez, um estar ali sem permanecer. Há tanto o que dizer da experiência, o que não implica

pensar onde ela está, como se materializa, onde acontece, quais suas conexões. Apenas o que pode, o que passa, transpassa, escapa...

Ainda, a experiência pode estar em um plano de imanência, o qual Deleuze (2002) afirma ser a própria vida. “Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos” (DELEUZE, 2002, p. 14). A experiência, então, está no entre, que jamais conseguimos agarrar. Podemos dançar no entre, viver no entre, experimentar o entre, esvaziando “[...] a cena, o corpo, o currículo, para encontrar a totalidade de suas possibilidades – o passo, o movimento, a linha – e depois abandoná-los, pois só assim um gesto – nem que seja somente um – poderá ser digno de ser dançado” (MUNHOZ, 2016, p. 44). Dançar no entre seria dançar na experiência?

Para dançar, experimentar na experiência, é preciso ex-pôr-se. Trajetos induzem à exposição. Ex-pôr-se não pode ser conduzido? Talvez. Sem definir respostas binárias para tais questões, é preciso adentrar no que se pode chamar de potência. Tomamos potência como algo que temos, nossa capacidade de agir, somos potência (PELBART, 2017). Se um encontro é entendido, para além de um encontro com outro sujeito, como um encontro com as mais diversas matérias, então nos potencializamos, aumentando nossa vitalidade ao ex-pormo-nos no encontro com o que possa compor nossa coleção de tesouros da existência, da docência. Por isso, um trajeto que possibilite encontros potentes e não defina como e qual encontro pode ocorrer é potencializador da experiência.

Assim, a experiência pode encontrar-se na ex-posição do encontro. Quando Larrosa (2002; 2016) diz que a experiência é aquilo que nos passa, ele está tentando nos dizer que ela nos passa, mas não fica. Então, vivemos até agora acreditando adquirir experiência e estávamos enganados? Talvez sim, talvez não. O que se compreende é que a experiência não pode ser adquirida, ela é o que nos perpassa, produzindo-nos. Ela perpassa porque ela é entre, nunca presente ou futuro, mas o entre deles. Antes de perguntar “qual sua experiência?”, deveríamos questionar: “qual sua ex-posição à experiência?”.

A experiência é sempre o hoje do encontro. Recordações permanecem da experiência, mas a experiência daquela memória já não existe. A experiência deixa memórias, narrativas, desejos de revisitar sensações, saberes. Nessa medida, seríamos tal como “[...] uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 21). Em Agamben (2005), vimos

que o homem tem uma infância, entendida como experiência, e que dela ele se expropria para constituir-se como sujeito na linguagem. Então, não há a experiência das coisas, ou do conhecimento, mas experiência no/do encontro com eles (PINTO, 2016).

Em meus encontros durante esta investigação, colecionei aprendizagens: aprendi a vasculhar; a falar para dentro; a deixar para depois; a permitir o outro; a perder minha chance; a ensinar meus desejos, pois “coleccionar é um fenômeno primevo do estudo: o estudante coleciona saber” (BENJAMIN, 2007, p. 245). Além do que já disse, do que colecionei e não pude guardar, algumas coisas são memória, outras escritas, outras sensações que retornam.

De minhas ex-posições, algumas experiências produziram o que inventei e colecionei como narrativas. Tais narrativas, ao estilo benjaminiano, não são a representação do que experienciei; são memórias, indagações, são o possível a partir da experiência. Disso, percebo que tenho uma coleção, um produto da experiência, não a experiência como produto. Além de algo permanecer do que perpassou, tantas coisas não ditas aconteceram. E esse é o sistema da experiência – abrir possibilidades de viver, criar matérias a quem nela se ex-põe.

Nesse sentido, ao propor um espaço de experimentações na formação docente a fim de potencializar a experiência, percebi que me experimentei. Experimentei-me como docente, como aluna, como inventora de palavras, de ações, de experimentações com conteúdos de um plano de ensino. Eu, como professora, sinto que posso ex-pôr-me. É somente em minha exposição ao território da docência, permitindo que a experiência me perpassasse, que algo surpreendente pode acontecer. É a medida dessa minha ex-posição que possibilitará o acontecimento da experiência. E isso é estar no campo do Ensino como uma docente que se expõe à experiência, a fim de colecionar o que possa emergir de tal ex-posição. Não nos esqueçamos de que, ao nos ex-pormos, também nos posicionamos. Somos o resultado do que já experimentamos, e a experiência age como um movimento de mescla do que já temos com o que se aproxima, com o que deglutimos.

Ao pensarmos que um docente pode colecionar em sua docência e, “se as coisas vão de encontro ao colecionador, chocam-se contra ele, como estilhaços caóticos e desordenados, cabe a esse frenético ajuntador dispô-las em um mundo particular” (FERRAZ, 2014, p. 26). Esse mundo particular, essa gruta de segredos, é singular. Imbuído de sua docência, o docente pode organizar não somente o colecionado, mas o que quer ex-pôr, o que deseja reordenar, tornando este trajeto de vida potente. Borboleteando o pensamento, colecionei aqui da experiência que

pude experimentar no Mestrado em Ensino, desta investigação acerca da experiência, da docência e muito de mim.

## REFERÊNCIAS

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Literatura potencial. In: RODRIGUES, Carla Gonçalves (Org.). **Cadernos de Notas 5 Oficina de Escrita**: arte, educação, filosofia. Oficinas produzidas em 2011. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2013a, p. 207-216. (Coleção Escrita).

\_\_\_\_\_. **Educação potencial**: autocomédia do intelecto. 2013b. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 24 jan. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/69921>>. Acesso em: 31 out. 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. 2. reimpr. Chapecó, SC: Argos, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BALZAC, Honoré. Tratado da vida elegante. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Manual do dândi**: a vida com estilo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 21-112.

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2009a.

\_\_\_\_\_. O dândi. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Manual do dândi**: a vida com estilo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009b. p. 11-20.

\_\_\_\_\_. **O pintor da vida moderna**. Concepção e organização Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu; Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012a. (Obras Escolhidas, v. 1).

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012b. (Obras Escolhidas, v. 2).

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2002.

CALVINO, Italo. **Coleção de areia**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMPOS, Maria Idalina Krause de. **MIK C Caderno de Pesquisa**. 12 set. 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=6bg4ZtMrwGw&feature=em-share\\_video\\_user](https://www.youtube.com/watch?v=6bg4ZtMrwGw&feature=em-share_video_user)>. Acesso em: 15 set. 2017.

CHEMIN, Beatriz Francisca. Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação. 3. ed. Lajeado: Editora da Univates, 2015.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 105-122, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v26n1/0103-7307-pp-26-01-0105.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual da educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 1009-1030, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/16.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Notas para pensar as Oficinas de Transcrição (OsT). In: HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.). **Caderno de Notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: UFMT, 2011. 120 p.

\_\_\_\_\_. Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, escrita e tradução de dados. In: KOHAN, Walter Omar; LOPES, Sammy. W; MARTINS, Fabiana. (Orgs.) **O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita**. Rio de Janeiro: NEFI, p. 327-339, 2016.

\_\_\_\_\_. Pesquisar o currículo como acontecimento: em V exemplos. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, **Anais...** Caxambu/MG. v. 27, 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt12/t1211.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

CRIZEL, Ana Paula. **Andarilhar por uma pedagogia que fale em nome próprio**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 17 dez. 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/1052>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 56, p. 237-250, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10132>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

D'AUREVILLY, Barbey. O dandismo e George Brummell. In: TADEU, Tomaz (Org). **Manual do dândi: a vida com estilo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 113-208.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DIAZ, José Alberto Romãña. Das flâncias do poeta estrangeiro aos fragmentos do currículo. In: MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Cristiano Bedin da; OHLWEILER, Mariane Inês (Orgs.). **Currículo, espaço, movimento: notas de pesquisa**. Lajeado: Univates, 2016. p. 59-66.

FERRAZ, Bruna Fontes. Um deserto de palavras, uma biblioteca de areia: a coleção em, Benjamin e Calvino. **Cadernos Benjaminianos**, Belo Horizonte, v. 1, n. 8, p. 24-33, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/viewFile/10385/9293>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

KEARNEY, Richard. A narrativa faz diferença. Tradução de Gilka Girardello. In: KEARNEY, Richard. **On Stories**. London: Routledge, 2002. Cap. 11.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. Notas sobre experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPED, jan./abr., n. 19, 2002. p. 20-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

MEINERZ, Andréia. **A concepção de experiência em Walter Benjamin**. 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15305>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

MOLANO, Mario Alejandro. Walter Benjamin: historia, experiencia y modernidad. **Ideas y Valores**. Bogotá/ Colômbia, v. 63, n.154, p.165-190, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15446/ideasyvalores.v63n154.31199>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

MUNHOZ, Angélica Vier. Currículo entre linhas dançantes. In: \_\_\_\_\_. COSTA, Cristiano Bedin da; OHLWEILER, Mariane Inês (Orgs). **Currículo, espaço, movimento: notas de pesquisa**. Lajeado: Univates, 2016. p. 41- 48

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Tradução Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PINTO, Tarcísio Jorge Santos. O conceito de experiência em Benjamin e em Bergson: reflexões introdutórias. In: TERCER CONGRESO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN de la Asociación Latinoamericana de Filosofía de la Educación (ALFE), **Actas...** v. 3, 2006. Disponível em: <<http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/71>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PELBART, Peter Pal. **Fala Pública Peter Pal Pelbart**. São Paulo: Grupo Vão. Vídeo (2h01min). 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8TFxyJcKuq8>>. Acesso em: 01 out. 2017.

PRETTO, Adriana de Oliveira. Os suspiros dos olhos infantis. In: MUNHOZ, Angélica Vier.; COSTA, Cristiano Bedin. (Orgs) **Francis Bacon e nós: corpo, diagrama, sensação**. Lajeado: Univates, 2015, p. 36 - 41.

\_\_\_\_\_. **Entre-infâncias: movimentos nômades do recreio infantil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, 05 jan. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/1574>>. Acesso em 14 nov. 2017.

RAMPIM, João Felipe Lopes. O colecionador entre a arte e a história. Sobre a materialidade no materialismo histórico de Walter Benjamin. **Limiar**, Guarulhos/SP, v. 3, n. 6, p. 163-194, mês. 2016. Disponível em: <[http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr6/08\\_rampim\\_colecionador-arte\\_limiar\\_vol-3\\_nr-6\\_2-sem-2016.pdf](http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr6/08_rampim_colecionador-arte_limiar_vol-3_nr-6_2-sem-2016.pdf)>. Acesso em 18 nov. 2017.

RIBEIRO, Virgínia Cândida. Apropriação na arte contemporânea: colecionismo e memória. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP). Florianópolis: **Anais...** UDESC: Florianópolis, p. 796-807, 2008. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/075.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

ROBLE, Odilon José; ARAÚJO, Raíssa Guimarães de Souza. Introdução ao Grotesco nas Artes da Cena. **Pós**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 148-159, maio 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/azanotelli1/Downloads/325-960-2-PB.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2017.

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ansanello; CORRÊA, Bianca Rodrigues; ALMEIDA, Admir Soares de Jr. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 198-217, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correa-junior.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

ROSA, Miriam Debieux; POLI, Maria Cristina. Experiência e linguagem como estratégias de resistência. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, p. 5-12, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000400003>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

SCHLESENER, Anita Helena. Educação e infância em alguns escritos de Walter Benjamin. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 48, p.129-135, jan./abril. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100015>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

TAVARES, Gonçalo. O escritor lusitano Gonçalo M. Tavares fala sobre ficção e realidade. **Canal Brasil**, Rio de Janeiro, 6 fev. 2017. Entrevista concedida a Eric Nepomuceno no programa Sangue Latino. Disponível em: <<http://canalbrasil.globo.com/programas/sangue-latino/videos/4527748.htm>>. Acesso em: 30 set. 2017.

## APÊNDICE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Dados de identificação

Título do Projeto: EX-PÔR-SE À EXPERIÊNCIA: NARRAR E COLECIONAR EM MEIO À FORMAÇÃO DOCENTE

Pesquisadora Responsável: Alissara Zanotelli

Orientadora: Professora Dra. Angélica Vier Munhoz

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: Centro Universitário Univates – Programa de Pós-Graduação em Ensino, nível mestrado.

Telefone para contato: (51) 997347796

E-mail para contato: zanotellialissara@gmail.com

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos Número do RG: \_\_\_\_\_

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “EX-PÔR-SE À EXPERIÊNCIA: COLECIONAR E NARRAR EM MEIO À FORMAÇÃO DOCENTE”, de responsabilidade da aluna de mestrado Alissara Zanotelli. As informações coletadas têm como objetivo obter dados para a referente pesquisa. Poderão ser realizadas entrevistas, observações, registros em diário, gravações de voz e/ou imagem, bem como produções dos participantes envolvidos nesta pesquisa. A pesquisa não apresenta riscos ao voluntário, e espera-se que ela contribua para o desenvolvimento da educação por meio da produção e publicação de conhecimento. Em caso de dúvidas relativas a procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa, o voluntário pode entrar em contato com a pesquisadora pelo *e-mail* zanotellialissara@gmail.com. A participação é voluntária, e o consentimento de uso das informações pode ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízo ao acesso à atenção da equipe de pesquisadores. Toda informação obtida será confidencial, sendo a privacidade garantida. Em caso de publicação dos resultados da pesquisa, o anonimato das informações será garantido. Não haverá gastos para o voluntário participar da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do VOLUNTÁRIO

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura da PESQUISADORA

\_\_\_\_\_  
Testemunha

\_\_\_\_\_  
Testemunha

## ANEXOS

### Anexo 1 – Narrativa do Encontro 1

#### CRIANÇA MASTIGANDO<sup>10</sup>

Na fresta da despensa entreaberta penetra sua mão, como um amante através da noite. Quando então, na escuridão, ela se sente em casa, tateia em busca de açúcar ou amêndoas, de uvas passas ou frutas em conserva. E assim como o amante, antes de beijá-la, abraça sua amada, assim o tato tem com eles um encontro marcado, antes que a boca prove sua doçura. Como se entrega o mel, como se entregam os cachos de passas de Corinto, como até mesmo o arroz se entrega lisonjeiramente à mão. Que apaixonado esse encontro dos dois, que agora enfim escaparam da colher. Grata e selvagem, como uma moça que foi raptada da casa dos pais, a compota de morango se dá a saborear aqui sem pãezinhos e, por assim dizer, sob o livre céu de Deus, e até mesmo a manteiga responde com ternura à ousadia de seu conquistador, que penetrou de assalto em seu quarto de donzela. A mão, *Don Juan* juvenil, logo penetrou em todas as celas e aposentos, deixando para trás camadas que escorrem e massas que fluem: donzelice que se renova sem queixa.

**Anexo 2** – Narrativa do Encontro 2

## CRIANÇA DESORDEIRA

Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma única coleção. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olhar índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continua ainda a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, ela é caçador. Caça os espíritos cujo rastro fareja nas coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, fixá-la, desencantá-la. Suas gavetas têm de tornar-se arsenal e zoológico, museu criminal e cripta. “Arrumar” significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas espinhosas que são manguais, papéis de estanho que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são totens e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio território ainda é sempre o hóspede errático, combativo.

**Anexo 3** – Narrativa do Encontro 4

## OBJETOS PERDIDOS

O que torna tão incomparável e tão irrecuperável a primeiríssima visão de uma aldeia, de uma cidade na paisagem, é que nela a distância vibra na mais rigorosa ligação com a proximidade. O hábito ainda não fez sua obra. Uma vez que começamos a nos orientar, a paisagem de um só golpe desapareceu como a fachada de uma casa quando entramos. Ainda não adquiriu uma preponderância através da investigação constante, transformada em hábito. Uma vez que começamos a nos orientar no local, aquela imagem primeira não pode nunca restabelecer-se.

**Anexo 4 – Narrativa do Encontro 5****CRIANÇA ESCONDIDA**

Ela já conhece na casa todos os esconderijos e retoma para dentro deles como quem volta para uma casa onde se está seguro de encontrar tudo como antigamente. Bate-lhe o coração, ela segura a respiração. Aqui ela está encerrada no mundo da matéria. Ele se torna descomunal mente claro para ela, chega-lhe perto sem fala. Assim somente alguém que é enforcado toma consciência do que são corda e madeira. A criança que está atrás da cortina torna-se ela mesma algo ondulante e branco, um fantasma. A mesa de refeições sob a qual ela se acorou a faz tornar-se ídolo de madeira do templo onde as pernas entalhadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta ela própria é porta, está revestida dela como de pesada máscara e, como mago dote, enfeitiçará todos os que entram sem pressentir nada. A nenhum preço ela pode ser achada. Quando ela faz caretas dizem-lhe que basta o relógio bater e ela terá de permanecer assim. O que há de verdadeiro nisso ela sabe no esconderijo. Quem a descobre pode fazê-la enrijecer como ídolo debaixo da mesa, entretecê-la para sempre como fantasma no pano da cortina, encantá-la pela vida inteira dentro da pesada porta. Por isso, com um grito alto ela faz partir o demônio que a transformaria assim, para que ninguém a visse, quando quem a encontra a pega – aliás, nem espera esse momento, antecipa-o com um grito de autolibertação. Por isso ela não se cansa do combate com o demônio. A casa, para isso, é o arsenal das máscaras. Contudo, uma vez por ano, em lugares secretos, em suas órbitas oculares vazias, em sua boca rígida, há presentes. A experiência mágica se torna ciência. A criança, como seu engenheiro, desenfeitiça a sombria casa paterna e procura ovos de Páscoa.